

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ROBERTA DAL ZOTTO

**ANÁLISE DE DESEMPENHO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: UM
ESTUDO COM CLIENTES DO ESCRITÓRIO XY NO PERÍODO DE 2013 A 2017**

CAXIAS DO SUL

2018

ROBERTA DAL ZOTTO

**ANÁLISE DE DESEMPENHO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: UM
ESTUDO COM CLIENTES DO ESCRITÓRIO XY NO PERÍODO DE 2013 A 2017**

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do Grau de Bacharel em
Ciências Contábeis da Universidade de
Caxias do Sul

Orientador TCC I: Prof. Dr. Alex Eckert
Orientador TCC II: Prof. Ma. Sinara
Jaroseski

CAXIAS DO SUL

2018

ROBERTA DAL ZOTTO

**ANÁLISE DE DESEMPENHO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: UM
ESTUDO COM CLIENTES DO ESCRITÓRIO XY NO PERÍODO DE 2013 A 2017**

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do Grau de Bacharel em
Ciências Contábeis da Universidade de
Caxias do Sul

Orientador TCC I: Prof. Dr. Alex Eckert
Orientador TCC II: Prof. Ma. Sinara
Jaroseski

Aprovado (a) em 26 /11/ 2018

Banca Examinadora:

Presidente

Prof. Ma. Sinara Jaroseski
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Examinadores:

Prof. Ma. Maria Salete Goulart Martins Denicol
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Dra. Marlei Salete Mecca
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico a todos vocês que estiveram ao meu lado ao longo de toda graduação, apoiando e dando forças sempre que precisei. Em especial quero agradecer aos meus pais Roberto e Therezinha e minha irmã Naiara, o pilar que sempre me auxiliou na busca dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Quero manifestar os meus mais sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na conclusão desta pesquisa. Primeiramente aos meus professores orientadores, Prof. Dr. Alex Eckert e Prof. Ma. Sinara Jaroseski, duas pessoas que possuem muitos conhecimentos, competência e suas generosidades são maiores ainda. Obrigada por todos os ensinamentos, todo o tempo disponível e paciência que tiveram comigo. Não tenho nenhuma dúvida que fui muito feliz na escolha dos meus orientadores. Obrigada a todos os professores da graduação que sempre demonstraram amor à profissão de Ciências Contábeis e me fizeram ter certeza que era este ofício que queria para a minha vida.

Obrigada ao escritório Pró-Objetiva Assessoria Empresarial Ltda por me permitir utilizar as informações das empresas que são seus clientes. Um agradecimento muito especial aos meus pais Roberto Luiz Dal Zotto e Therezinha Cavallin Dal Zotto, por apoiarem e confiarem nas minhas decisões, mesmo que muitas vezes nem as compreendessem, mas o amor de vocês sempre me deu toda a força que precisei. À minha irmã Naiara Dal Zotto, pelas aulas de estatística e por toda a paciência, afeto e amizade que sempre teve comigo. Para finalizar, aos meus amigos, pois sem os conselhos e companheirismo de vocês o caminho teria sido mais árduo.

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso”.

John Ruskin

RESUMO

A Serra Gaúcha evidenciou ao longo de sua história, no meio empresarial, números relevantes de empresas e considerável crescimento em vários setores econômicos; contudo, é visível observar a instabilidade financeira mundial, presente entre os anos 2013 até 2017. Em períodos que o mercado passa por restrições e perdas, a Contabilidade Gerencial e suas ferramentas tornam-se importantes mecanismos para entender a influência dos fatores externos atrelados a elementos e fatos internos nas instituições. Este estudo teve como objetivo verificar através de indicadores financeiros e econômicos como micro e pequenas empresas desempenharam-se diante da última e atual crise que atinge o Brasil. A partir de uma pesquisa bibliográfica, para localizar respostas, realizou-se uma pesquisa documental, utilizando demonstrações contábeis de seis micro e pequenas empresas, de três setores: comércio, prestação de serviços e indústria. Com posse dos dados, foram calculados os índices financeiros e econômicos e posteriormente, para melhor visualização dos coeficientes, a utilização de técnicas estatísticas, a fim de observar as variações e desvios dos resultados. Sendo assim, a pesquisa é descritiva e exploratória, pois relatou o fenômeno da crise econômica e buscou avaliar os efeitos causados. Quanto à natureza da pesquisa, ocorreu de forma qualitativa e quantitativa devido à investigação das circunstâncias de cada instituição e ao uso de técnicas estatísticas para comprovar as conclusões. Após a realização dos procedimentos, conclui-se que fatores e decisões tomadas pelas gestões das empresas acabaram impactando nos resultados, muitas vezes impossibilitando a distinção de quais elementos foram responsáveis por oscilações nos coeficientes.

Palavras-chave: Análise de desempenho econômico. Crise econômica. Estatística. Indicadores financeiros e econômicos. Micro e pequenas empresas.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Avaliação do Grau de Alavancagem Financeira.....	36
Quadro 2 – Indicadores de Atividade	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado liquidez das empresas do Comércio Varejista.....	48
Tabela 2 – Resultado liquidez das empresas de Prestação de Serviços	50
Tabela 3 – Resultados liquidez das empresas da indústria	52
Tabela 4 – Resultados endividamento das Empresas da Comércio Varejista	54
Tabela 5 – Resultados endividamento das Empresas de Prestação de Serviços.....	56
Tabela 6 – Resultados endividamento das Empresas da Indústria.....	58
Tabela 7 – Resultados Rentabilidade das Empresas do Comércio Varejista.....	60
Tabela 8 – Resultados rentabilidade das Empresas de Prestação de Serviços	62
Tabela 9 – Resultados rentabilidade das Empresas da Indústria.....	64
Tabela 10 – Resultados atividade das Empresas do Comércio Varejista	66
Tabela 11 – Resultados atividade das Empresas de Prestação de Serviços.....	68
Tabela 12 – Resultados atividade das Empresas da Indústria.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS

Auto.	Automotiva
Comb.	Combustíveis
Imob.	Imobilização
Ind.	Indústria
Nefro.	Nefrologia

LISTA DE SIGLAS

ANC -	Ativo Não Circulante
CE –	Ciclo Econômico
CF –	Ciclo Financeiro
CO –	Ciclo Operacional
CMV/CPV –	Custo das Mercadorias Vendidas/ Custo dos Produtos Vendidos
CPC –	Comitê de Pronunciamentos Contábeis
CSLL –	Contribuição Social sobre o Lucro Líquido
CV –	Coeficiente de Variância Pearson
DFC –	Demonstração do Fluxo de Caixa
GAF –	Grau de Alavancagem Financeira
GAO –	Grau de Alavancagem Operacional
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS –	Instituto Nacional do Seguro Social
IRPJ –	Imposto de Renda – Pessoa Jurídica
LC –	Liquidez Corrente
Ltda. –	Limitada
MO –	Margem Operacional
NBC TG –	Norma Brasileira de Contabilidade Técnicas
PA –	Posicionamento da Atividade
PIS –	Programas de Integração Social
PL -	Patrimônio Líquido
PMPC –	Prazo Médio de Pagamento das Compras
PMRE –	Prazo Médio de Renovação dos Estoques
PMRV –	Prazo Médio de Recebimentos de Vendas
PNC –	Passivo Não Circulante
ROE –	<i>Return On Equity</i>
ROI –	<i>Return On Investment</i>
RNC –	Recursos Não Correntes
RS –	Rio Grande do Sul
RV –	Receita de Vendas
SEBRAE –	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

LISTA DE SÍMBOLOS

σ	Desvio padrão
=	Igualdade
>	Maior que
\bar{X}	Média
<	Maior que
nº	Número
§	Parágrafo
%	Porcentagem
R\$	Reais
S ²	Variância amostral

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	15
1.2	TEMA E QUESTÃO DE PESQUISA.....	17
1.3	OBJETIVOS.....	18
1.3.1	Objetivo geral	18
1.3.2	Objetivos específicos	18
1.4	ESTRUTURA DO ESTUDO.....	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	CONTABILIDADE GERENCIAL	20
2.2	DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS	21
2.2.1	Balanco Patrimonial	21
2.2.2	Demonstração do Resultado do Exercício	22
2.2.3	Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados	22
2.2.4	Demonstração do Fluxo de Caixa	23
2.2.5	Notas Explicativas	24
2.3	INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS	25
2.3.1	Indicadores de Liquidez	26
2.3.1.1	Indicador de Liquidez Corrente.....	26
2.3.1.2	Indicador de Liquidez Seca.....	27
2.3.1.3	Indicador de Liquidez Geral	28
2.3.1.4	Indicador de Liquidez Imediata	28
2.3.2	Indicadores de Endividamento	29
2.3.2.1	Composição do Endividamento	30
2.3.2.2	Índice de Capital de Terceiros	30
2.3.2.3	Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido.....	31
2.3.2.4	Índice de Imobilização dos Recursos Não Correntes	31
2.3.3	Indicadores de Rentabilidade	32
2.3.3.1	Giro do Ativo	32
2.3.3.2	Margem Operacional Líquida.....	33
2.3.3.3	Rentabilidade do Ativo	33

2.3.3.4	Rentabilidade do Patrimônio Líquido	34
2.3.3.5	Grau de Alavancagem Financeira	35
2.3.3.6	Grau de Alavancagem Operacional.....	36
2.3.4	Indicadores de Atividade	37
2.4	DESEMPENHO ECONÔMICO.....	39
3	METODOLOGIA.....	41
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	41
3.2	PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	42
4	ESTUDO E ANÁLISE DAS EMPRESAS SELECIONADAS.....	44
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DAS EMPRESAS ESTUDADAS POR ÁREA DE ATUAÇÃO.....	44
4.1.1	Empresas atuantes no comércio.....	44
4.1.2	Empresas atuantes na prestação de serviços	45
4.1.3	Empresas atuantes na indústria.....	46
4.2	INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	47
4.2.1	Indicadores de Liquidez.....	48
4.2.2	Indicadores de Endividamento.....	54
4.2.3	Indicadores de Rentabilidade.....	60
4.2.4	Indicadores de Atividade	66
5	CONCLUSÃO.....	73
	REFERÊNCIAS.....	77
	APÊNDICE A – INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS DAS EMPRESAS DO COMÉRCIO	82
	APÊNDICE B – INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS DAS EMPRESAS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS.....	83

APÊNDICE C – INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS DAS EMPRESAS DA INDÚSTRIA.....	84
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Em decorrência da recessão econômica dos últimos anos, empresários e a sociedade buscam entender a performance econômica das empresas, a fim de averiguar alternativas para ir contra a situação atual do país, ou apenas para entender se realmente houve afetação.

Importante mencionar que, no ano de 2013, as empresas colhiam os frutos de uma economia em constante crescimento. O Brasil enfrentou a crise internacional de 2008 com êxito, recuperando-se e elevando os índices de desempenhos econômicos e sociais, graças a medidas políticas. A partir de 2014, drasticamente, a economia caiu e trouxe ao país uma nova crise, mais avassaladora do que a anterior, em que muitas empresas, após cinco anos, ainda lutam para manter-se no mercado (PAULA; PIRES, 2017). Em contrapartida, não necessariamente todos os setores e empresas podem ter sido afetados por este desequilíbrio.

No artigo “A Crise Econômica 2014/2017”, Barbosa Filho (2017) cita que, de 2014 até 2017, a economia do Brasil teve problemas de oferta e demanda, especialmente por consequência de problemas políticos, prejudicando o crescimento do país e despencando o Produto Interno Bruto nacional.

A ligação entre a variação do PIB e fatores políticos com o desenvolvimento econômico para Dao (2017) é relevante. Em um estudo realizado com 21 países desenvolvidos e em desenvolvimento, constatou-se que 85% das nações que possuíam sistemas econômicos definidos e que mantiveram um crescimento relevante entre 2005 e 2007 conseguiram alavancar o PIB após a crise de 2008, e assim esperava-se a mesma recuperação para a de 2014.

Observa-se que, de forma ampla, há possibilidade de dizer que é visível que este impacto trouxe adversidades para grande parte da população. Sendo assim, contratempos como crises econômicas e demais efeitos externos, para pequenas e micro empresas, que muitas vezes não possuem uma gestão desenvolvida, podem desestruturar completamente estas entidades.

A Lei Complementar 123/2006 define micro e pequenas empresas especialmente em conformidade com o seu faturamento anual, sendo de trezentos e

sessenta mil para as do primeiro porte e de quatro milhões e oitocentos mil para as do segundo. Padoveze e Martins (2014) citam outra característica que classificam estas empresas: o número de funcionários – sendo de zero até nove empregados no comércio e serviços e de zero até dezenove na indústria, no caso de microempresa; e de dez a quarenta e nove no comércio e serviços e de vinte até noventa e nove empregados na indústria, para pequenas empresas.

Ferronato (2015) argumenta que é uma realidade as empresas que não obtêm sucesso por falta de conhecimento gerencial, oferecendo às que têm este saber e controle um diferencial no mercado. Em um estudo realizado por este autor, em torno de 52,86% dos pequenos e microempresários afirmaram que não possuem compreensão em analisar as demonstrações financeiras; já quando indagados sobre ponto de equilíbrio, necessidade de capital de giro e as alavancagens operacional e financeira, 68,50% dos sócios destas empresas afirmam que não sabem conceituar, calcular e analisar os resultados.

A Contabilidade é fator importante nesta avaliação e até mesmo no sentido de acudir as empresas em períodos drásticos. Mensurar corretamente dados fornecidos, compor demonstrações e calcular coeficientes de desempenho, tornam-se ferramentas úteis e eficazes. Concomitante com os fatores supramencionados, deve-se ter uma estruturação contábil apropriada e precisa, ou seja, que possa trazer suporte para empresários manterem-se firmes no mercado, mesmo em períodos de crise econômica.

Por isso, com o presente estudo, pretende-se oferecer a estudantes o entendimento de qual foi o impacto externo do mercado e como esta percepção pode ser válida e benéfica. Por isso, as áreas de conhecimentos voltadas às Ciências Sociais e que desenvolvem análises referentes às relações financeiras e de mercado, no ponto de vista Acadêmico/Científico acredita-se que poderão ser úteis, a fim de servir como suporte e complemento para outros projetos de estudos. Pode ser instigante se a retração da economia atingiu todos, ou se alguns aspectos positivos podem ser observados e deles retirados proveitos, especialmente para quem constantemente busca soluções através de entendimentos com o cotidiano.

Do ponto de vista profissional, o presente estudo poderá ser proveitoso para novos empresários que gostariam de entrar na área de atuação observada, assim como empresários que podem estar em uma posição oposta à das empresas

analisadas, e necessitem também entender o desempenho de sua instituição. A região da Serra Gaúcha, onde as empresas analisadas estão situadas, é empreendedora e com grande número de empresários surgindo todos os anos. Segundo estudo realizado pelo IBGE e Sebrae (2013), analisando 47 municípios da região, para cada 10 moradores existia um empreendimento. Em uma região que historicamente apresentou-se de forma crescente, entender o que ocorreu nos últimos 5 anos pode ser proveitoso.

Desta maneira, através da análise das demonstrações contábeis dos últimos cinco anos, avaliaram-se possíveis oscilações econômicas nos setores estudados e elaboraram-se índices de desenvolvimento, esperando localizar respostas, conciliando a contabilidade com o cenário externo. De forma ampla, este estudo justifica-se por auxiliar quem tem interesse e necessidade em entender a consequência mundial da economia com pequenas empresas situadas em Caxias do Sul – RS e região.

1.2 TEMA E QUESTÃO DE PESQUISA

A Contabilidade é uma Ciência milenar e abrangente, presente em diversos âmbitos da nossa sociedade, em entidades públicas e privadas, em que é utilizada para fornecer informações econômicas e financeiras (QUINTANA, 2014).

As informações geradas fornecem bases para um estudo que tem o intuito de controlar e gerenciar empresas no geral. De acordo com Alves (2013), a Contabilidade Gerencial será a responsável por gerar os dados para a leitura e conseqüentemente a produção de informações necessárias à administração de qualquer empresa. Sendo assim, analisando dados contábeis gerados através dos dados fornecidos, pode-se concluir, ou chegar a respostas mais aproximadas da realidade, ou seja, da atuação da entidade no cenário geral.

Os dados e informações providas são estruturados em demonstrações contábeis, que de forma esquematizada auxiliam a visualização dos resultados. Elas explicitam a lucratividade das empresas, porém de forma menos didática para grande parte dos usuários externos.

Por isso, além das demonstrações obrigatórias presentes na NBC TG 1.000, a utilização de índices de rentabilidade e desempenho auxiliam na verificação dos

resultados alcançados no período estipulado para avaliação, em um contexto voltado diretamente ao econômico e de controladoria.

Agregando demonstrações contábeis usuais com indicadores financeiros, geram-se possíveis explicações para o comportamento de uma determinada empresa ou de uma amostra localizada. Diante da amplitude do assunto, a delimitação do tema da pesquisa estrutura-se em entender o desempenho financeiro de determinados grupos de empresas e pode, assim, clarear pontos obscuros para a própria administração da instituição pesquisada, tais como problemas com rotatividade de estoques, falta de fluxo de caixa e de recursos, e até mesmo projetar metodologias de crescimento, tornando-se, assim, um fator auxiliar para o estudo do desempenho no período explorado.

A partir da delimitação do tema, este estudo propõe a seguinte questão de pesquisa: Como foi o desempenho econômico/financeiro de um grupo de micro e pequenas empresas, clientes do Escritório XY, no período de 2013 a 2017?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Avaliar como foi o desempenho econômico/financeiro de micro e pequenas empresas, clientes do Escritório XY, no período de 2013 a 2017.

1.3.2 Objetivos específicos

Para que seja possível alcançar o objetivo principal deste trabalho de pesquisa, foram traçados os seguintes específicos:

- a) pesquisar referências bibliográficas relacionadas ao assunto abordado;
- b) selecionar as empresas para o estudo;
- c) reunir demonstrações contábeis do período estudado das empresas relacionadas na pesquisa;
- d) calcular índices e estatísticas que demonstrem as oscilações das empresas;
- e) analisar os coeficientes encontrados;

- f) apresentar justificativas que possam ajudar a explicar as variações encontradas.

1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO

O primeiro capítulo aborda a contextualização do estudo, a descrição do tema abordado, a questão de pesquisa e os objetivos geral e específicos.

Prosseguindo, está exposto o referencial teórico, em que se irá detalhar a dimensão da contabilidade gerencial, as demonstrações contábeis, os índices econômicos/financeiros e o desempenho econômico das empresas estudadas.

No terceiro capítulo, está descrita a metodologia utilizada, assim como o procedimento de coleta e análises dos dados.

No capítulo quarto apresentam-se as demonstrações contábeis e os cálculos estatísticos dos indicadores financeiros e, por fim, as análises pertinentes das empresas estudadas. Sendo assim, indicam-se os comparativos entre as empresas e grupos estudados.

Por fim, no último capítulo, foi concluído o estudo. De forma abrangente, em relação aos objetivos inicialmente propostos com os resultados localizados e confrontados, serão apresentadas as conclusões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTABILIDADE GERENCIAL

A Contabilidade é uma das Ciências mais antigas do mundo, significativa para o desenvolvimento do capitalismo. Inicialmente seus registros eram sigilosos aos proprietários das instituições e não havia trocas de conhecimentos, o que dificultava o crescimento da Contabilidade. Com a expansão do mercado acionário e das Sociedades Anônimas, ocorreu também o progresso na troca de informações e interesse da sociedade em entender esta Ciência (CREPALDI; CREPALDI, 2017).

Padoveze (2010) cita que a Contabilidade por si mesma é gerencial, e pode tornar-se um erro separar os conceitos da nomenclatura, isto é, não existiria a subdivisão de gerencial, pois ela como um todo é voltada à controladoria. Além disso, as informações contábeis são recursos importantes para a contabilidade gerencial e para a tomada de decisão da administração, desde que desejada pela empresa, útil e com um custo que se encaixe no seu orçamento.

Partindo deste pressuposto, a contabilidade gerencial efetua a leitura dos dados fornecidos pelas empresas e, posteriormente, produz as informações necessárias para a gestão empresarial. A raiz da contabilidade gerencial é a de custos, e é voltada para usuários internos, na necessidade de práticas gerenciais (ALVES, 2013).

Desta forma, a contabilidade gerencial é uma área voltada à organização, na decisão, mensuração e informação da gestão, buscando o aprimoramento, fortalecimento e riqueza da empresa (CORONADO, 2012). Seguindo ainda o pensamento desse autor, suas funções são: coordenar o processo de gestão, apoiar a avaliação de desempenho e resultado, regular os sistemas de informações financeiras e, conseqüentemente, atender os usuários internos.

Todavia, sem o conhecimento do mercado e dos concorrentes, além da falta de controles internos elaborados de forma correta e agir em desacordo com a legislação, os gestores podem tomar decisões incompatíveis com os objetivos da empresa. A contabilidade gerencial deve esforçar-se para que a administração tome as melhores medidas possíveis, em decisões estratégicas para a empresa (CREPALDI; CREPALDI, 2017).

2.2 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As Demonstrações Contábeis evidenciam fatos patrimoniais ocorridos em determinado período da administração, dentro do exercício social (VICECONTI; NEVES, 2017).

Além da situação patrimonial, elas também devem expor as mutações ocorridas no período, com a finalidade de demonstrar e avaliar a situação econômica e financeira, incorporada à legislação e suas informações servirem a terceiros (QUINTANA, 2014).

A NGC TG 1.000, norma voltada à contabilidade para pequenas e médias empresas, destaca que:

(...) a apresentação adequada exige a representação confiável dos efeitos das transações, outros eventos e condições de acordo com as definições e critérios de reconhecimento para ativos, passivos, receitas e despesas (...). (NORMA BRASILEIRA DE CONTABILIDADE TG 1.000, SEÇÃO 3, 3.2, p.16).

Sendo assim, Melo e Barbosa (2018) citam que, o objetivo das demonstrações contábeis é proporcionar informações para as tomadas de decisões da empresa e para os usuários em geral. Além disso, complementam que elas devem ser mensuradas com padrão de qualidade altivo, obedecendo as normas e trazendo transparência, a fim de oferecer elementos corretos para o planejamento e execução do mesmo.

2.2.1 Balanço Patrimonial

O Balanço Patrimonial é a demonstração que revela os elementos financeiros e patrimoniais de uma instituição. Ordenado pelos recursos (Ativo) e por suas origens (Passivo), as contas devem estar dispostas em ordem decrescente – o Ativo por sua liquidez, que é a capacidade de ser convertido em moeda corrente, e o Passivo por sua exigibilidade. Além da demonstração ser dividida em Ativo e Passivo, deve ser subdividida em Circulantes e Não Circulantes e Patrimônio Líquido (VICECONTI; NEVES, 2017).

Desta forma, sua estruturação é em duas colunas: Passivo e Patrimônio Líquido à direita, sendo eles as fontes de recursos próprios e de terceiros, e na esquerda, onde são aplicados os recursos (IUDÍCIBUS, 2017).

Greco (2013) define esta demonstração com seu principal objetivo de destinar a evidenciar quantitativamente e qualitativamente a posição patrimonial e financeira da entidade em determinada data.

2.2.2 Demonstração do Resultado do Exercício

A Demonstração do Resultado do Exercício determina o lucro ou prejuízo da empresa dentro do exercício social, isto é, o seu desempenho refletindo as atividades operacionais. Ao final de cada período, estas contas são zeradas transmitindo seu efeito diretamente no Patrimônio Líquido no Balanço Patrimonial (LINS; FRANCISCO FILHO, 2012).

Com estrutura vertical, inicia-se com as receitas brutas de vendas e serviços e subtraem-se suas deduções e custos, resultando em seu Resultado Bruto. Posteriormente, diminuem-se as despesas e somam-se as receitas, ambas operacionais, tomando o mesmo procedimento para as financeiras e, assim, calculam-se as provisões dos tributos sobre o lucro, em caso de resultado positivo, e finalmente descobre-se, assim, o lucro líquido (VICECONTI; NEVES, 2017).

Basicamente, calculam-se receitas menos despesas, gerando lucro ou prejuízo. Quando as receitas são maiores que as despesas, há um ganho; quando ocorre o oposto, há uma perda no resultado (IMPERATORE, 2017).

2.2.3 Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados

Greco (2013) menciona que a Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados evidencia as mutações dos saldos dos lucros e dos prejuízos acumulados e suas destinações dentro do ano-calendário.

O mesmo autor menciona que esta demonstração discrimina primeiramente o saldo inicial do período, os ajustes de períodos anteriores, as reversões das reservas, o lucro líquido do exercício e, por fim, as transferências para reservas, dividendos, a parcela dos lucros incorporada ao capital e o saldo final do período.

Silva (2017) cita que esta demonstração é obrigatória para empresas limitadas e outros tipos de sociedades optantes pela tributação de Lucro Real.

2.2.4 Demonstração do Fluxo de Caixa

Para Marion (2012), o Fluxo de Caixa é uma demonstração para fins gerenciais e societários, que, de forma consideravelmente compreensível, transparece as modificações ocorridas no caixa e equivalentes de caixa, saldos de alta liquidez, durante o exercício. Ela é obrigatória para empresas com Patrimônio Líquido superior a dois milhões de reais e companhias abertas.

Esta demonstração fornece informações para os usuários observarem a capacidade de gerar fluxo de caixa positivo da empresa e seu comportamento futuro, avaliação das atividades operacionais, auxiliar os indicadores financeiros que avaliam a real necessidade financeira da instituição e o impacto dos investimentos e financiamentos no caixa (MELO; BARBOSA, 2018).

Os mesmos autores supramencionados explicitam que a demonstração deve ser dividida em atividades operacionais, de investimentos e financiamento. Eles mencionam que há dois métodos para sua elaboração:

- a) direto: movimentações ocorridas pelas saídas e entradas no caixa e equivalentes de caixa da empresa;
- b) indireto: elaborado através da Demonstração do Resultado do Exercício, conciliando o lucro/prejuízo com o caixa da empresa.

Para Quintana (2014), no primeiro método, praticamente todos os recebimentos e pagamentos são demonstrados pelo valor bruto. Já no segundo método, o resultado é ajustado pelos efeitos que não envolvem o caixa, além de variações, conciliações e alterações nas atividades operacionais, de investimento e de financiamento ou entre receitas e despesas.

Para Silva (2017) a DFC é necessária para qualquer empresa. A falta de geração de caixa pode levar uma empresa à falência, tornando esta demonstração importante para o gerenciamento empresarial.

2.2.5 Notas Explicativas

As Notas Explicativas expõem os saldos contábeis que não estão evidenciados claramente nos demais relatórios elaborados no final de cada exercício social, a fim de auxiliar a análise das mesmas. Por este motivo, elas devem ser detalhadas e compreensíveis (PEREZ JUNIOR; BEGALLI, 2015).

Elas podem ser expostas de forma descritiva, na forma de quadros ou ainda contemplando outras Demonstrações Contábeis. Sua importância está diretamente ligada à legislação vigente, pois é através delas que há a possibilidade de averiguar se foram divulgados os relatórios em concordância com a lei (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2018).

De acordo com a Lei nº 6.404/76, em redação dada pela Lei nº 11.941/09, em seu artigo 176, § 5º, determina que:

§ 5º As notas explicativas devem:

I – apresentar informações sobre a base de preparação das demonstrações financeiras e das práticas contábeis específicas selecionadas e aplicadas para negócios e eventos significativos;

II – divulgar as informações exigidas pelas práticas contábeis adotadas no Brasil que não estejam apresentadas em nenhuma outra parte das demonstrações financeiras;

III – fornecer informações adicionais não indicadas nas próprias demonstrações financeiras e consideradas necessárias para uma apresentação adequada; e

IV – indicar:

a) os principais critérios de avaliação dos elementos patrimoniais, especialmente estoques, dos cálculos de depreciação, amortização e exaustão, de constituição de provisões para encargos ou riscos, e dos ajustes para atender a perdas prováveis na realização de elementos do ativo;

b) os investimentos em outras sociedades, quando relevantes (art. 247, parágrafo único);

c) o aumento de valor de elementos do ativo resultante de novas avaliações (art. 182, § 3º);

d) os ônus reais constituídos sobre elementos do ativo, as garantias prestadas a terceiros e outras responsabilidades eventuais ou contingentes;

e) a taxa de juros, as datas de vencimento e as garantias das obrigações a longo prazo;

f) o número, espécies e classes das ações do capital social;

g) as opções de compra de ações outorgadas e exercidas no exercício;

h) os ajustes de exercícios anteriores (art. 186, § 1º); e

i) os eventos subsequentes à data de encerramento do exercício que tenham, ou possam vir a ter, efeito relevante sobre a situação financeira e os resultados futuros da companhia.

Já o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (2011), em seu Pronunciamento Técnico CPC – 26 Apresentação das Demonstrações Contábeis, afirma que deve evidenciar a política específica adotada pela instituição, interpretações do CPC empregadas nas Demonstrações Contábeis e informações adicionais para melhor compreensão.

As Notas Explicativas englobam explicações referentes aos dados já evidenciados e como isto ocorreu, assim como Perez Junior e Begalli (2015) mencionaram.

2.3 INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS

Os indicadores financeiros ou econômico-financeiros são calculados através dos dados encontrados nas demonstrações contábeis, ou seja, saldos de contas ou grupos destes relatórios. Este cálculo costuma ser realizado pela divisão de um grupo/saldo por outro. Podendo ser intrínseco, quando há interpretação isolada ou setorial, quando comparado com padrões dos setores e ramos de atividades de determinadas empresas (PEREZ JUNIOR; BEGALLI, 2015).

Para Lins e Francisco Filho (2012) os indicadores financeiros concomitantes com a análise das demonstrações contábeis, para usuários internos, têm os objetivos de avaliar a situação da empresa, comparar com concorrentes e auxiliar a projetar metas, crescimentos e resolução de problemas em tempo hábil, trazendo uma visão estratégica. Já para usuários externos, tornam-se interessantes para saber a capacidade de cumprimento das suas obrigações, além de auxiliar o governo a mensurar as políticas de alavancagem para o país. Com as informações das demonstrações contábeis, os indicadores apresentam resultados com diversas finalidades.

Perez Junior e Begalli (2015) mencionam também que há diversos indicadores, cada qual com um objetivo específico, entre eles os de liquidez, endividamento, rentabilidade e atividade.

Silva (2017) ressalta ainda que os quocientes devem ser analisados de forma histórica e comparativa, pois assim eles podem trazer ampla visão da empresa. Além disso, para Marion (2012), a análise deve considerar a interpretação, o cálculo e o conceito.

2.3.1 Indicadores de Liquidez

Para Marion (2012), os Indicadores de Liquidez são utilizados para mensurar a habilidade e o prazo médio da empresa em pagar suas obrigações.

Eles devem ser avaliados de forma comparativa, períodos distintos das demonstrações, índices já calculados e com outras empresas concorrentes, para saber a real necessidade de capital de giro e possibilidade de novas obrigações (SILVA, 2017).

Bruni (2014) afirma que, se uma empresa possui um elevado nível de solvência, ela deve também apresentar recursos em aplicações com o mesmo grau e liquidez.

Os Índices de Liquidez, segundo Marion (2012), são divididos de acordo com o período estipulado para solvência, podendo ser de curto, médio e longo prazo.

2.3.1.1 Indicador de Liquidez Corrente

Marion (2012) afirma que o Indicador de Liquidez Corrente também é conhecido como Índice de Liquidez Comum (LC), mostrando a capacidade de liquidação de suas obrigações em um Curto Prazo. Seu cálculo é a divisão do Ativo Circulante pelo Passivo Circulante.

$$\text{Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Seu resultado aponta a porcentagem de dívidas no curto prazo que podem ser liquidadas imediatamente (MARTINS; DINIZ; MIRANDA, 2017).

Se o índice localizado for maior que 1,00 é positivo e de maneira geral, quanto maior, melhor – há mais capacidade de liquidação no curto prazo (MARION, 2012).

Bruni (2014) menciona que, para a instituição estudada, quanto maior a liquidez corrente, maior a solvência a curto prazo e menor risco ela corre. Ele cita ainda problemas que este índice pode trazer. Por exemplo, se há um valor considerável em seu caixa, o índice será elevado, porém o fato de diversos recursos entrarem no caixa altera a rentabilidade, porque não haverá incidência de juros. Além disso, o quociente compara contas de graus, riscos e realizações diferentes do ativo circulante com do passivo circulante, por isso, devem ser calculados de forma cautelosa, e verificar se há necessidade de ajustes.

Marion (2012) ainda complementa que deve-se observar o ramo de atividade da empresa, já que um valor menor de 1,00 pode ser ruim para uma indústria ou comércio, mas não para uma empresa de transportes que não possui duplicatas a receber ou estoque, mas possui obrigações com valores elevados.

2.3.1.2 Indicador de Liquidez Seca

Para Silva (2017) o Indicador de Liquidez Seca também é conhecido como Índice de Liquidez Ácida ou Quociente Absoluto de Liquidez e está ligado ao Índice de Liquidez Corrente. Seu cálculo é apresentado para empresas que não possuem ou possuem baixa rotatividade em seus estoques. Por isso, elimina-se o estoque do Ativo Circulante, ou seja, seu cálculo é Ativo Circulante – Estoques dividido pelo Passivo Circulante:

$$\text{Liquidez Seca} = \frac{(\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques})}{\text{Passivo Circulante}}$$

Marion (2012) conceitua que quanto maior, melhor, ou seja, quocientes maiores que 1,00 apresentam índices positivos. Instituições financeiras utilizam este índice uma vez que ele elimina os estoques, por ser uma conta que pode não ter o controle correto. Todavia, este índice não pode ser levado em consideração em caso de ser algum estabelecimento com elevada rotatividade de estoques e vendas à vista, como supermercados.

2.3.1.3 Indicador de Liquidez Geral

Para Marion (2012), o Indicador de Liquidez Geral é a capacidade de cumprimento de suas obrigações no Longo Prazo. Seu cálculo é a soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, dividindo-se pelo Passivo Circulante somado ao Passivo Não Circulante.

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{(\text{Ativo Circulante} + \text{Ativo Não Circulante})}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})}$$

Seu resultado, quanto maior que 1,00, apresenta melhor capacidade de pagamento de suas obrigações; por isso, quanto menor, sua situação se torna de risco. Ele é o índice mais amplo de liquidez, pois não engloba apenas o circulante (LINS; FRANCISCO FILHO, 2012).

Como pode haver divergências entre as datas de recebimentos e pagamentos, este índice pode trazer resultados problemáticos. Porém se for realizada uma análise de vários anos, pode se tornar positivo, caso apresente um quociente que se comporte da mesma maneira (MARION, 2012).

2.3.1.4 Indicador de Liquidez Imediata

O Indicador de Liquidez Imediata representa o resultado da capacidade da empresa em liquidar suas obrigações imediatamente. Seu cálculo é a divisão do Caixa e Equivalentes de Caixa (caixa, bancos e aplicações de liquidez imediata) pelo Passivo Circulante (MARTINS; DINIZ; MIRANDA, 2017).

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Caixa e Equivalentes de Caixa}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Este índice, se menor que 1,00, pode ser preocupante, dado que quanto maior, melhor (LINS; FRANCISCO FILHO, 2012). Mas para Marion (2012) é um índice de pouca expressão, podendo haver valores a serem pagos em um prazo maior que o estipulado pelo índice de 90 dias.

Indícius (2017) complementa esta ideia afirmando que tem-se um numerador com disponibilidade imediata e um denominador com um prazo maior para cumprir com suas obrigações, sendo de um ano. Por isso, o resultado encontrado pode ser incorreto. O mais adequado seria calcular através do valor presente seus ganhos ou em seu denominador determinar o valor pago em uma única parcela no curto prazo hoje. Sua importância já foi maior, quando o mercado financeiro e de capitais era limitado, perdendo espaço para controles e orçamentos de caixa.

2.3.2 Indicadores de Endividamento

De acordo com Marion (2012), os Indicadores de Endividamento são os índices que calculam a situação de endividamento da empresa em determinado período, porque o Ativo é financiado pelo Passivo e Patrimônio Líquido. Eles também auxiliam a identificar a origem de quem está financiando, se por Capital de Terceiros (Passivo) ou próprio (Patrimônio Líquido).

Eles são conhecidos também como Indicadores de Estrutura de Capital, porque para analisá-los deve-se levar em conta a média setorial e o impacto sobre a estrutura de capital. Sendo assim, além de saber os custos do endividamento, é importante entender a influência dele sobre a empresa. Considerando que, quando captados financiamentos com terceiros, devem-se analisar também os juros e acréscimos (SILVA, 2017).

Para Bruni (2014) estes índices estão atrelados aos efeitos do grau de alavancagem financeira da empresa, que quanto maior, apresenta mais riscos para a instituição. Já a fórmula de Endividamento Geral é destacada por Perez Junior e Begalli (2015):

$$\text{Indicador de Endividamento} = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}}{\text{Ativo Total}}$$

Bruni (2014) ainda indica que quanto maior o quociente encontrado, a situação da empresa é pior. Esta análise tem validade apenas em casos de falência, pois apenas um estudo completo com outros indicadores e fatores podem expor a

real situação da empresa. Ele aponta também que uma empresa que está iniciando suas atividades pode apresentar um resultado elevado por necessitar de mais recursos.

O autor ainda menciona que o endividamento por Capital Próprio é a proporção entre recursos totais investidos e a parcela aplicada pelos sócios, sendo a divisão do Ativo Total pelo Patrimônio Líquido.

2.3.2.1 Composição do Endividamento

Para Matarazzo (2010), a Composição do Endividamento é o percentual de obrigações do Passivo Circulante em relação ao total de suas obrigações. Por serem dívidas de curto prazo, necessitam serem pagas com recursos atuais.

$$\text{Composição do Endividamento} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})}$$

Este indicador expressa a natureza do endividamento, sendo que, quanto maior for o resultado localizado, pior se torna para a economia da empresa. Isso se deve porque a instituição terá que cumprir com suas obrigações em um curto prazo, diminuindo a capacidade de solvência da mesma (BRUNI, 2014).

2.3.2.2 Índice de Capital de Terceiros

Para Silva (2017), o Índice de Capital de Terceiros indica o endividamento da empresa, por ser a soma do Passivo Circulante com o Passivo Não Circulante. Quanto maior o resultado encontrado, mais preocupante se torna para as finanças da empresa.

Ele observa que, sob a ótica financeira, um resultado elevado pode ser preocupante, mas pela lógica da Alavancagem Financeira, além do valor calculado, deve-se observar se o custo deste capital é menor que a rentabilidade que ele traz para a instituição, sendo então proveitosa a utilização deste capital. Seu resultado é apurado pela soma dos capitais de terceiros e Passivo Não Circulante pela divisão do Patrimônio Líquido.

$$\text{Índice de Capital de Terceiros} = \frac{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Observando os índices positivos da alavancagem, um índice de endividamento de terceiros alto pode apresentar uma maior possibilidade de retorno, mas também de risco. Ele indica ainda que o Capital Próprio é a proporção entre recursos totais investidos e a parcela aplicada pelos sócios, sendo a divisão do Ativo Total pelo Patrimônio Líquido (BRUNI, 2014).

2.3.2.3 Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido

O Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido representa quanto dos recursos próprios está aplicado do Ativo Imobilizado. Quanto menor, melhor, havendo mais sobra financeira, porém isto pode significar que os sócios estão investindo pouco em seus bens (BRUNI, 2014).

$$\text{Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido} = \frac{\text{Ativo Imobilizado}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

Silva (2017) complementa que, quanto mais a empresa aplicar recursos no Ativo Permanente, mais se torna dependente de capital de giro, provavelmente de capitais de terceiros.

2.3.2.4 Índice de Imobilização dos Recursos Não Correntes

Para Bruni (2014), o Índice de Imobilização dos Recursos Não Correntes representa quanto dos recursos a longo prazo não correntes estão aplicados no imobilizado. Quanto menor, melhor, por trazer mais recursos para outros investimentos.

$$\text{Índice de Imob. dos Recursos Não Correntes} = \frac{\text{Investimento} + \text{Imobilizado} + \text{Intangível}}{(\text{PNC} + \text{Patrimônio Líquido})}$$

Por ser uma porcentagem, caso o valor calculado seja superior a 100%, pode indicar que a empresa está aplicando os recursos do disponível ou de capitais de terceiros presentes no curto prazo no ativo imobilizado, desta maneira refletindo nos índices de liquidez. Se o cociente for igual ou inferior a 100%, indica que a empresa consegue financiar seus bens com recursos próprios (SILVA, 2017).

2.3.3 Indicadores de Rentabilidade

Para Silva (2017) os Indicadores de Rentabilidade indicam quanto os sócios esperam que o capital investido seja remunerado e, para terceiros, se o capital financiado pode gerar lucro e assim honrar suas obrigações e ainda aplicar em recursos. A rentabilidade é o desempenho global da produtividade, buscando a identificação do retorno total dos investimentos, das vendas e capitais próprios.

Portanto, Padoveze e Benedicto (2013) afirmam que a rentabilidade é o total dos elementos operacionais, financeiros e econômicos da empresa.

Quanto maior seu resultado, melhor. Isso equivale a uma maior possibilidade de criação de valor, porém vale destacar que aumentam-se os riscos que a empresa sofre (BRUNI, 2014).

2.3.3.1 Giro do Ativo

O Giro do Ativo basicamente é quantas vezes o ativo da empresa se renova, capitaliza em relação às vendas líquidas do período. Quanto maior o seu resultado, melhor (BAZZI, 2016).

De acordo com Silva (2017), este índice está ligado à produtividade dos investimentos da empresa, pelo fato que refere-se a correlação entre as vendas e suas aplicações. Deve-se sempre levar em consideração os efeitos da inflação, reavaliação de ativos, transações que não estejam ligadas às vendas mas que sejam representativas, se a empresa está em crescimento, podendo distorcer o indicador, ou ainda, se há grande alteração entre os períodos do valor do Ativo, assim usando-se um valor médio. Seu cálculo é a divisão das Receitas Líquidas de Vendas pelo Ativo Total.

$$\text{Giro do Ativo} = \frac{\text{Receita Líquida}}{\text{Ativo Total}}$$

Padoveze e Benedicto (2013) complementam que, quanto mais a empresa consegue obter com receitas de vendas com o mesmo valor de investimentos, mais terá aumento de lucro, porque pode obter uma lucratividade unitária e, conseqüentemente, elevação da rentabilidade.

2.3.3.2 Margem Operacional Líquida

Silva (2017) especifica que a Margem Líquida é a divisão do Lucro Líquido com as Vendas Líquidas do período. Ele deve ser analisado em conjunto com o Grau de Alavancagem Operacional. Não há índice ideal e há diversos fatores a serem observados como fatores externos e ramo de atividade da empresa. Basicamente, quanto maior o resultado, melhor.

$$\text{Margem Operacional Líquida} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Líquida}}$$

O autor ainda complementa que despesas e receitas não operacionais também podem alterar o resultado, ainda como o método de apuração dos estoques e da mensuração dos custos do produtos ou das mercadorias vendidas.

A utilização da Margem Líquida com o Giro do Ativo possibilita analisar a característica da rentabilidade da empresa, porque ela é a margem multiplicada pelo giro (PEREZ JUNIOR; BEGALLI, 2015).

2.3.3.3 Rentabilidade do Ativo

Também conhecido como Retorno sobre Investimento (ROI), a Rentabilidade ou Retorno do Ativo representa quanto há no lucro referente ao volume de investimentos dos sócios ou de terceiros. Além disso, a relação das vendas com o ativo total da empresa. Seu resultado, quanto maior, melhor (BAZZI, 2016).

Segundo Perez Junior e Begalli (2015) o indicador demonstra, independentemente da procedência dos investimentos, a rentabilidade total de recursos administrados pela empresa. Seu cálculo pode ser encontrado através da fórmula:

$$\text{Rentabilidade do Ativo} = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Ativo Líquido}}$$

Ou ainda, quando já foram localizados os índices da Margem Operacional Líquida e do Giro do Ativo:

$$\text{Rentabilidade do Ativo} = \text{Margem Operacional Líquida} \times \text{Giro do Ativo}$$

Silva (2017) complementa que este indicador tem o objetivo de medir a eficiência dos administradores em relação aos investimentos.

2.3.3.4 Rentabilidade do Patrimônio Líquido

Este indicador demonstra a relação dos capitais próprios com o resultado do lucro, revelando qual foi a geração de lucro com o investimento dos sócios e qual o verdadeiro ganho sob o ponto de vista dos sócios. Quanto maior o resultado apurado, melhor (BAZZI, 2016).

Silva (2017) aponta que o indicador também é conhecido como ROE, ou Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido, e seu cálculo é realizado por:

$$\text{Rentabilidade do Patrimônio Líquido} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

O autor ainda menciona que fica de responsabilidade do investidor o risco e se ele é menor que a taxa de juros que o mercado apresenta. Importante estudar este índice atrelado com a Alavancagem Financeira.

2.3.3.5 Grau de Alavancagem Financeira

Indica o grau do impacto nos resultados devido à utilização de capitais de terceiros. Quanto mais alavancada é a empresa, maior se torna o risco, havendo a possibilidade de não cumprimento das suas obrigações. Também a capacidade da empresa em usar encargos financeiros fixos para aumentar o lucro pode ser um fator positivo (SILVA, 2017).

Para Perez Junior e Begalli (2015), este capital de terceiros é oneroso. O cálculo é o retorno sobre o capital próprio dividido pelo total de capital investido na empresa, ou total do ativo. A fórmula de cálculo é a seguinte:

$$\text{Grau de Alavancagem Financeira} = \frac{\text{Retorno sobre Patrimônio Líquido}}{\text{Retorno sobre Ativos}}$$

Onde:

$$\text{Retorno sobre Patrimônio Líquido} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

$$\text{Retorno sobre os Ativos} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativos}}$$

Com o valor financiado por terceiros, a empresa pode obter maior lucratividade, isto se o retorno do investimento dos ativos for maior que o custo financeiro efetivo do empréstimo. No custo financeiro, deve-se levar em conta a economia do imposto de renda (PEREZ JUNIOR; BEGALLI, 2015).

Silva (2017) complementa que, se o resultado do Grau de Alavancagem Financeira for maior que 1, significa que foi interessante para a empresa captar capitais junto a terceiros; em caso de ser igual a 1 é neutro, não houve alavancagem financeira; já se for menor que 1, significa que é uma situação desfavorável, ou seja, os recursos captados não foram capazes de melhorar o lucro da empresa. Isto pode ser observado no Quadro 1:

Quadro 1 – Avaliação do Grau de Alavancagem Financeira

Se	Identifica	Denota	Favorável? (sim ou não)
GAF > 1	ROE > ROI	ROI > Custo de dívida	SIM
GAF = 1	ROE = ROI	ROI = Custo da dívida	Não há alavancagem
GAF < 1	ROE < ROI	ROI < Custo da dívida	NÃO

Fonte: Adaptado de Silva (2017, p. 172).

Observa-se que, para obter uma análise ampla, o autor utilizou os índices Rentabilidade do Giro (ROI) e Rentabilidade do Patrimônio Líquido (ROE).

2.3.3.6 Grau de Alavancagem Operacional

A Alavancagem Operacional é um aumento maior do lucro em comparação às receitas de vendas, logo se a empresa aumenta sua atividade acaba por impulsionar o resultado e melhorar o lucro. Ocorre quando há custos e despesas fixas dentro da empresa, pois quanto maior o gasto com estes custos, maior será a alavancagem operacional (PADOVEZE, 2012).

Desta maneira, transcorre quando a variação das Receitas de Vendas reflete no resultado (PEREZ JUNIOR; BEGALLI, 2015).

Padoveze (2012) ainda complementa que se trata de um instrumento gerencial e econômico, ligado à margem de contribuição, sendo que esta é o resultado do preço de vendas subtraídos os custos variáveis. Um aumento na receita de vendas absorve melhor os custos e despesas fixas, aumentando a margem de contribuição (PEREZ JUNIOR; BEGALLI, 2015).

Para Silva (2017), a alavancagem operacional permite que a empresa conheça a viabilidade econômica e as causas de oscilações nos resultados e o impacto operacional. Seu resultado pode ser obtido através da fórmula:

$$\text{Grau de Alavancagem Operacional} = \frac{\text{Variação do Lucro Operacional}}{\text{Variação do Volume de Atividade}}$$

O autor menciona que quando se desconhecem as variações de vendas ou lucros, pode-se utilizar a fórmula:

$$\text{GAO} = \frac{(\text{Receita de Vendas} - \text{Custos e Despesas Variáveis})}{(\text{RV} - \text{Custos e Despesas Variáveis}) - \text{Custos e Despesas Fixas}}$$

Padoveze (2012) afirma que não há Grau de Alavancagem Operacional ideal, apesar de representar o quanto suas vendas representam no resultado. Sua importância está diretamente ligada ao controle de custos diretos e indiretos e uma resposta direta da variação do lucro operacional.

2.3.4 Indicadores de Atividade

Os Indicadores de Atividade para Perez Junior e Begalli (2015) são os indicadores que, através do ciclo financeiro, permitem verificar condições do giro da empresa. Através das médias das contas, sendo, a soma do saldo inicial com o saldo final das contas dividido por dois, dentro de uma equação, obtém-se a média em dias.

Isto se deve por serem prazos médios e mensurados em dias que as empresas apresentam para pagar suas mercadorias, vender seus estoques e receber de suas vendas (SILVA, 2017).

Deve-se levar em consideração a sazonalidade da empresa, assim como o ramo em que atua. Além disso, deve-se avaliar todo o contexto e posição relativa total. Uma alta rotação de estoques pode ser também sinal de perda ou uma baixa rotação com utilização de custos excessivos. Portanto, se faz importante analisar também os ciclos de caixa, a fim de se localizar melhores respostas para cada empresa (SILVA, 2017).

Os ciclos operacionais, econômicos e financeiros demonstram o tempo necessário, desde a compra da matéria-prima ou mercadoria, até o recebimento de vendas (LINS; FRANCISCO FILHO, 2012).

Quadro 2 – Indicadores de Atividade

(continua)

Indicador	Conceito	Fórmula	Análise
Prazo Médio de Recebimentos de Vendas (PMRV)	Avalia o prazo médio de Recebimentos dos clientes, duplicatas a receber.	$PMRV = \frac{\bar{x} \text{ Clientes} \times 360 \text{ dias}}{RV \text{ Bruta}}$	Quanto menor o prazo, melhor, pois quanto maior o prazo, haverá mais necessidade de capital de giro por parte da empresa.
Prazo Médio de Renovação dos Estoques (PMRE)	Avalia o prazo médio que os produtos ficam parados no estoque. Desde a entrada da matéria-prima até a saída do produto pronto.	$PMRE = \frac{\bar{x} \text{ Estoques} \times 360 \text{ dias}}{CPV/CMV}$	Quanto menor o prazo, melhor, porque manter em estoque não gera valor monetário e o ideal é sempre uma maior rotação destes ativos.
Prazo Médio de Pagamento das Compras (PMPC)	Avalia o prazo médio que a empresa obtém para pagar seus fornecedores.	$PMPC = \frac{\bar{x} \text{ Fornecedores} \times 360 \text{ dias}}{\text{Compras a prazo}}$	Quanto maior o prazo, melhor, porque haverá menos necessidade de capital de giro.
Posicionamento de Atividade (Posição Relativa)	Avalia a soma do prazo médio do estoque e das vendas dividido pelo tempo que a empresa demora em pagar as mercadorias, a fim de saber se haverá capital de giro.	$PA = \frac{PMRE + PMRV}{PMPC}$	Deve ser igual ou inferior a 1, para ser favorável.
Ciclo Operacional	Avalia o tempo entre a compra e o recebimento da mercadoria.	$CO = PMRE + PMRV$	Quanto menor, melhor. Deficitário quando paga suas obrigações antes de receber e Superavitário quando há folgas de dias entre receber de seus clientes até o pagamento de seus fornecedores.

(conclusão)

Ciclo Econômico	Avalia o prazo entre a compra até a venda do produto - prazo médio de estocagem.	$CE = PMRE$	Semelhante ao PMRE – quanto menor, melhor.
Ciclo Financeiro	Fonte de financiamento de suas atividades - quantos dias a empresa é obrigada a investir em suas atividades.	$CF = PMRE + PMRV - PMPC$	Quanto menor, melhor, pois precisará de capital de giro se for um coeficiente elevado, como empréstimos ou valores dos sócios.

Fonte: Adaptado de Bruni (2014); Marion (2013); Perez Junior e Begalli (2015); Silva (2017).

2.4 DESEMPENHO ECONÔMICO

A Análise das Demonstrações Contábeis está ligada diretamente ao estudo do desempenho econômico das empresas, habilitando gestores e sócios para a tomada de decisões. O estudo costuma ser voltado para clientes, instituições financeiras, fornecedores, governo, sindicatos, empregados, investidores e diversos usuários interessados na situação econômica da empresa. São diversos motivos em que há interesse no desempenho econômico que estas demonstrações exprimem: liberação de créditos, investimentos, fusão e incorporação das empresas, retorno, fiscalização, perspectiva entre outros (PADOVEZE; BENEDICTO 2013).

Segundo os mesmos autores, para realizar uma análise sobre o desempenho econômico é importante primeiramente fazer um breve estudo sobre a empresa, saber o objetivo e observar a economia como um todo. Para usuários internos, estes controles devem ser mensais, através de relatórios; já para externos, de acordo com as datas de publicações das demonstrações contábeis. Empresas de capital aberto ou que possuem auditoria independente têm demonstrações mais claras, o que acaba não ocorrendo com empresas menores e que muitas vezes não possuem demonstrações transparentes ou corretas. Isso se deve à falta de informação por parte dos sócios para com quem elabora as demonstrações. Este problema influencia e traz dificuldades para seu estudo.

De acordo com Bortoluzzi *et al.* (2011), não bastam apenas demonstrações contábeis e indicadores comuns isolados para verificar o desempenho econômico

das empresas; é necessário também fazer uma integração entre eles, para possibilitar a análise global econômica e financeira.

O ambiente externo e oscilações do mercado mundial e nacional também influenciam o rendimento das empresas. A partir de 2011 ocorreu uma desaceleração da economia brasileira; porém, em 2014, observou-se uma mudança de comportamento dos empresários, diminuição de investimentos e alteração nas expectativas de retorno dos sócios, devido aos juros sobre o custo de capital. Além da baixa acreditação dos próprios sócios, problemas fiscais, baixa lucratividade pelo fato das empresas não conseguirem transferir todo o aumento dos custos operacionais para o preço final, problemas políticos, elevado coeficiente de endividamento, contração de gastos dos consumidores em decorrência da inflação, entre outros, acabaram afetando o desempenho das empresas em todas as esferas (OREIRO, 2017).

Para os autores Cannon e Brown (2017), a Venezuela também passou por tempos de contenção financeira. Eles citam que 2016 foi um ano de viver perigosamente, porque o cenário político auxiliou a agravar a crise social e econômica e conseqüentemente, as incertezas acabaram cobrindo o país. Outro país que sofreu com as circunstâncias externas e especialmente internas foi a Argentina. Para Vommaro e Gené (2017), o país no ano de 2015 estava desequilibrado devido às tensões do governo, e assim ocasionando em 2016 poucas vitórias socioeconômicas, políticas e várias derrotas para a nação.

Desta maneira, como citam Paula e Pires (2017), a retração da economia brasileira também precisa ser analisada, especialmente pelos choques externos que acabaram afetando. Todavia, para avaliar o desempenho econômico, é importante levar em consideração a contabilidade voltada ao controle. Isto é afirmado em um estudo realizado por Leite, Diehl e Manvailer (2015), em que, analisando três grupos de empresas, a que obteve maior controle e estratégia atingiu um desempenho melhor, enquanto o grupo que obteve nível inferior não conseguiu ter uma visão gerencial ampla, conduzindo a uma ideia em que a possibilidade de avaliar o desempenho econômico é um conjunto de fatores e de ferramentas de controle financeiro e que deve ser levado em consideração.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A metodologia trata de um roteiro de mecanismos em busca de uma verdade científica, ordenando o pensamento e relacionando ele aos meios adequados em busca de conhecimento (MATIAS-PEREIRA, 2016).

Referindo-se aos procedimentos técnicos, a classificação da presente pesquisa é documental. Este tipo de pesquisa, para Baptista e Campos (2016), delimita-se a documentos, censos, contratos, entre outros, sendo fontes primárias. Marconi e Lakatos (2017) complementam que estes documentos podem ser escritos à mão ou não, recolhidos no momento que ocorrem ou depois e suas fontes são arquivos públicos, particulares e fontes estatísticas.

Através da escolha dos documentos primários foi realizada a análise. Ela abrange desde a investigação do conteúdo simbólico, a concordância do material analisado, o estudo amplo de vários fatores, possíveis codificações e construções de categorias, o aprofundamento, a ligação e a ampliação do estudo até o novo julgamento da abrangência e delimitação (KNECHTEL, 2014). Desta maneira, foram analisados documentos primários em um período retroativo de cinco anos, sendo eles relatórios contábeis de seis empresas, com o propósito de realizar um estudo ampliado.

Quanto ao objetivo da pesquisa, ela se apresenta como em razão de o estudo estar buscando descobrir se existe ou não um fenômeno (MATIAS-PEREIRA, 2016), isto é, se a crise econômica mundial afetou o grupo de empresas estudadas. Marconi e Lakatos (2017) complementam que este tipo de pesquisa tem três propósitos: desenvolver hipóteses, aproximar o pesquisador das circunstâncias ocorridas e, por fim, alterar e desvendar as ideias estudadas.

Concluindo, em relação à forma de abordagem, esta pesquisa é qualitativa e quantitativa. Qualitativa, devido ao aprofundamento de fatos e suas possíveis oscilações, problemas e respostas de um determinado conjunto de organizações empresariais dentro de um contexto. Para Perovano (2016) esta abordagem ocorre quando o pesquisador busca descrever e entender um fenômeno dentro de determinado cenário. Quantitativa, pois utiliza dados estatísticos, com o propósito de

buscar respostas e estimativas dos cálculos realizados, trazendo análise estática, clareza e raciocínio dedutivo (SORDI, 2013).

Os dados estatísticos utilizados são: médias que são variáveis aleatórias e independentes de um produto; moda, que é o valor com maior probabilidade dentro do conjunto e mediana, que é a variável aleatória que divide a distribuição em duas partes (FONSECA; MARTINS, 2012).

Serão utilizados também a variância, que é a medida de dispersão dos valores de variáveis, isto é, a distância que está da média e o desvio padrão que é o modelo das medidas de dispersão, dado pelos coeficientes de variância na raiz quadrada. Para otimizar a análise, será utilizada também a dispersão útil para comparação do grau de concentração em torno da média, conhecido como coeficiente de variação de Pearson (OLIVEIRA, 2017). Buscando assim, melhorar a compreensão de situações complexas através de fatores subjetivos, desconhecidos e procedimentos flexíveis, ou seja, técnicas interpretativas para realizar a análise (SORDI, 2013).

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente foi realizada a coleta e organização das Demonstrações Contábeis das empresas que foram estudadas. Foram analisadas duas empresas de três setores distintos, sendo eles: comércio, indústria e prestação de serviços. São micro e pequenas empresas de um escritório de Caxias do Sul - RS.

As demonstrações consistem em Balanços Patrimoniais e Demonstrações de Resultado, em um período histórico de cinco anos. Neste momento com base nos relatórios foram extraídos os dados contábeis que foram utilizados nos cálculos deste estudo.

Com os relatórios contábeis foram calculados os indicadores financeiros e econômicos que fornecerão resultados da situação das empresas individuais e em grupos.

Além dos índices foram realizados cálculos estatísticos, com o objetivo de organizar os dados encontrados e auxiliar na análise.

Por fim, com os quocientes encontrados foram realizadas as análises das possíveis variações do período estudado, comparando empresas do mesmo grupo e

posteriormente confrontando os grupos, com a finalidade de verificar se o ambiente externo teve influência nos resultados encontrados.

4 ESTUDO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS EMPRESAS SELECIONADAS

Foram selecionadas para o presente estudo seis empresas de três ramos distintos, todas atuantes na região da Serra Gaúcha – RS. Os ramos escolhidos são: comércio, prestação de serviços e indústria.

Posteriormente, houve a coleta das demonstrações contábeis para extração dos dados utilizados nos indicadores analisados, e através dos coeficientes foram realizados cálculos estatísticos. Os relatórios contábeis usufruídos foram os Balanços Patrimoniais e as Demonstrações dos Resultados de 2013 a 2017, a fim de observar se as instituições exploradas sofreram com a retração econômica deste período.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS EMPRESAS ESTUDADAS POR ÁREA DE ATUAÇÃO

4.1.1 Empresas atuantes no comércio

Para a área de comércio foram selecionadas duas empresas que têm como principal atividade a comercialização, porém vendem produtos distintos.

A primeira foi fundada em abril de 1992, em Caxias do Sul – RS, e está categorizada através dos seguintes CNAEs¹ (Classificação Nacional de Atividades Econômicas): 4789-0/99, Comércio Varejista de outros produtos não especificados anteriormente; e 4692-3/00, Comércio Atacadista de Mercadorias em geral, com predominância de insumos agropecuários. Isso porque ela revende para o consumidor final e por atacado para outras pessoas jurídicas: agrotóxicos, fertilizantes, sementes, pulverizadores, rações, ferramentas para uso em jardinagem e campo, entre outros produtos agrícolas. Seus clientes estão centralizados no Rio Grande do Sul, mas esporadicamente comercializa para os estados de São Paulo e Santa Catarina. Nesta pesquisa ela será nomeada como Agrícolas Ltda.

Do ano de 2013 até 2017, sua opção tributária foi de Lucro Presumido e sua última alteração contratual ocorreu em abril de 1997. O capital social está dividido

¹ CNAE 2.0 - Res. (02/2010)

entre dois sócios, com as porcentagens de 55% para o administrador e 45% para o outro membro da sociedade.

A segunda empresa foi constituída em dezembro de 2007, em Farroupilha – RS, e está classificada nos seguintes CNAEs: 4731-8/00, Comércio Varejista de Combustíveis para Veículos Automotores; 4732-6/00, Comércio Varejista de Lubrificantes; e 4784-9/00, Comércio Varejista de Gás Liquefeito de Petróleo (GLP). Trata-se de um posto de combustíveis que revende produtos veiculares como: gasolina, etanol, diesel, lubrificantes e filtros, além de gás para o consumidor final. No presente estudo ela será apresentada como Combustíveis Ltda.

Sua tributação no período estudado foi de Lucro Real e sua última alteração contratual foi em junho de 2009. Trata-se de uma empresa familiar, em que sua composição societária é fracionada em 33,34% para o patriarca da família e partes igualitárias de 33,33% para seus filhos, sendo um deles o sócio administrador atual.

4.1.2 Empresas atuantes na prestação de serviços

Para a atividade de Prestação de Serviços, fazem parte deste estudo duas empresas de Caxias do Sul-RS da área da saúde, porém em ofícios diferentes. Ambas prestam serviços para sua própria cidade, onde estão sediadas, e outros municípios localizados em seu estado.

A primeira teve o início das suas atividade em março de 1986 e seu CNAE principal é o 640-2/03, Serviço de Diálise e Nefrologia, visto que trata de doenças do sistema renal. No estudo será denominada como Serviço de Diálise e Nefrologia Ltda.

No período estudado sua tributação foi de Lucro Presumido. Sua última alteração contratual foi em novembro de 2014, em que ocorreu apenas o aumento do montante das quotas dos atuais sócios. O contrato está dividido em 62,54% para a administradora responsável e 37,46% para o outro sócio. Ambos são médicos e prestam diretamente serviços para a empresa.

A outra entidade no ramo de prestação de serviços foi fundada em junho de 1989, e seu principal CNAE é 640-2/99, Atividades de Serviços de Complementação Diagnóstica e Terapêutica Não Especificadas Anteriormente, devido ao fato de realizarem exames do sistema cardiológico e de hemodinâmica. Em 2013 possuíam

quatro unidades, sendo uma unidade administrativa, uma unidade de realização e análise de exames e duas que, além de sua atividade principal, executavam procedimentos cirúrgicos. Entretanto, em junho de 2017, finalizaram as atividades nas filiais e centralizaram as atividades da administração e diagnósticos na matriz. Nesta pesquisa, ela será nomeada como Coração Ltda.

Durante 2013 até 2015, esta empresa optou pela tributação de Lucro Presumido; a partir de 2016, passou a escolher o Lucro Real. Isso ocorreu porque, após uma análise, avaliou-se que haveria vantagens monetárias para a empresa se pudesse creditar PIS² e COFINS³ sobre seus custos, apurar IRPJ⁴ e CSLL⁵ sobre o lucro apurado, entre outros prós que esta tributação pode oferecer. O corpo social é composto por seis médicos, os mesmos desde dezembro de 2000, sendo dividida em: 37,75%, 27,54%, 27,54%, 3,58%, 2,57% e 1,02%. Os três sócios com maior porcentagem possuem o direito à administração da empresa.

4.1.3 Empresas atuantes na indústria

No setor industrial, foram selecionadas duas empresas de Caxias do Sul – RS, e ambas trabalham com o ramo automotivo.

A primeira foi fundada em setembro de 1989, e seu principal CNAE é o 539-0/00, Serviços de Usinagem, Solda, Tratamento e Revestimentos de Metais. Uma empresa que apenas industrializa, trabalhando com usinagens, banhos químicos de tratamentos e pinturas de peças utilizadas na indústria automotiva ou em outros produtos de metais. No presente estudo será apresentada como Pinturas Ltda.

Durante o período de 2013 até 2017 ela foi optante da tributação Simples Nacional. A última alteração contratual foi em outubro de 2011, com a saída de um sócio e entrada de outro, tornando-se uma empresa pertencente à uma única família. O sócio majoritário possui 90% das quotas e o outro membro 10% da sociedade.

² Programas de Integração Social

³ Contribuição para Financiamento da Seguridade Social

⁴ Imposto de Renda - Pessoa Jurídica

⁵ Contribuição Social sobre o Lucro Líquido

A segunda indústria estudada foi fundada em dezembro de 2008, e seus principais CNAEs são: 2949-2/99, Fabricação de Outras Peças e Acessórios para Veículos Automotores Não Especificados Anteriormente; 4530-7/01, Comércio por Atacado de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores; e 4530-7/03, Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores. Isso se deve ao fato de a empresa produzir e revender peças para veículos, predominantemente axiais (articulações que têm a função de ligar a movimentação do setor de direção aos terminais de direção, permitindo movimentos angulares da suspensão), pivôs de suspensão e outros terminais de direção. A empresa tem clientes em todo o território nacional. Nesta pesquisa, será nomeada como Indústria Automotiva Ltda.

É optante do Lucro Real e sua última modificação contratual foi em agosto de 2012, com a alteração das quotas entre as sócias. É uma empresa familiar, sendo 91% para a matriarca e 9% para a filha, em que a primeira possui direito à administração da entidade.

4.2 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Com base nos relatórios contábeis de 2013 a 2017, foram calculados os indicadores econômicos e financeiros e realizados cálculos estatísticos, para melhor visibilidade dos resultados.

No primeiro momento, por empresa, foram calculados a média aritmética simples, coeficiente de variância, desvio padrão e coeficiente de variação de Pearson.

No segundo instante, há a comparação dos resultados obtidos entre os setores, a fim de analisar se eles seguiram uma coerência e continuidade de coeficientes. Para isso foram utilizados dados matemáticos, como: média aritmética simples setorial, mediana e moda Pearson.

4.2.1 Indicadores de Liquidez

Na Tabela 1, estão demonstrados os resultados estatísticos dos coeficientes de liquidez nas empresas que atuam no comércio, evidenciando sua situação financeira em relação às suas obrigações.

Observa-se que as médias são acima de 1, o que teoricamente é um resultado satisfatório.

Tabela 1 – Resultado liquidez das empresas do Comércio Varejista

	Corrente		Seca		Geral		Imediata	
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.
\bar{X}	6,94	4,92	4,15	3,52	6,21	2,31	2,7	2,18
\bar{X} Setorial	5,93		3,83		4,26		2,44	
Mediana	5,46		3,41		3,98		2,34	
Moda	4,51		2,55		3,42		2,13	
S^2 ⁶	5,20%	1,03%	3,59%	0,47%	4,81%	0,19%	2,94%	0,94%
σ ⁷	0,23	0,10	0,19	0,07	0,22	0,04	0,17	0,10
CV ⁸	3,28%	2,06%	4,57%	1,94%	3,53%	1,88%	6,34%	4,44%

Fonte: Dados da Pesquisa

Como supramencionado, os valores apresentados de maneira geral são adequados, especialmente quanto à liquidez corrente, demonstrando, em um primeiro momento, que para estes setores a crise não afetou sua capacidade de efetuar seus pagamentos. Apesar desta visão amplificada, são dois ramos com atividades distintas, o que pode ocasionar discrepâncias se comparados diretamente. O produto de revenda principal da Combustíveis Ltda. traz maior alternância e rodízio em suas contas dentro das Demonstrações Contábeis, do que a empresa Agrícolas Ltda., em que suas mercadorias têm maior restrição de consumo. A segunda empresa obteve médias maiores na liquidez, justamente por possuir, na maior parte do estudo, valores altos em suas disponibilidades e estoques, enquanto a empresa Combustíveis Ltda. trabalha com melhor distribuição de seus ativos, como disponibilidades, clientes a receber e estoques.

⁶ Variância da amostra

⁷ Desvio Padrão

⁸ Coeficiente de Variação Pearson

O Apêndice A está demonstrando que, para a empresa Agrícolas Ltda., a liquidez seca oscilou mais que a liquidez corrente durante os anos estudados, com variação de 4,57%, pois os estoques do primeiro para o último ano aumentaram em 59,01%. O aumento se deve ao fato de que a receita de vendas caiu em 11,03%, deixando um estoque ocioso, o que pode representar problemas da administração na rotatividade deste ativo.

A liquidez imediata possui o maior coeficiente de variação de Pearson com 6,74%, ou seja, a dispersão de resultados foi elevada porque seu maior resultado foi de 4,88 em 2014, e menor de R\$ 0,29 em 2017, o que teoricamente não significa um resultado satisfatório, já que quanto maior, melhor; porém, por ser um indicador de pouca expressividade e valores elevados sem movimentação nas disponibilidades podem retratar um problema de dinheiro sem retorno, neste caso pode ser adequada a redução deste índice. Em 2017, houve a diminuição do índice pelo fato de a empresa encerrar um título financeiro com maior rentabilidade e o grupo de disponíveis ficaram com apenas 5,99% do total do Ativo Circulante. O encerramento da aplicação ocorreu diante do fato que a empresa é de Lucro Presumido, e a tributação diminuía o retorno esperado pelos sócios. O valor resgatado foi distribuído entre eles, de acordo com a disponibilidade dos lucros acumulados da empresa.

A liquidez geral também possui resultados convincentes e acompanhou as oscilações dos outros indicadores de liquidez para a empresa Agrícolas Ltda. Seus coeficientes alternaram de R\$ 5,61 em 2013 a R\$ 4,94 em 2017, o que demonstra que, apesar da queda, a empresa continua com poder aquisitivo para quitar suas obrigações, no curto e longo prazos, especialmente em 2014, em que possuía um coeficiente de R\$ 10,11, quando apresentava seu maior Ativo Circulante de todo o estudo, pelo montante elevado que constituíam as disponibilidades através das aplicações financeiras.

Já a empresa Combustíveis Ltda. apresenta coeficientes menos expressivos, porém todos possuem resultados bons. Quanto à liquidez seca e imediata, os melhores resultados foram em 2013 e piores em 2017, conforme o Apêndice A; a liquidez corrente também teve seu melhor desempenho em 2013, e pior em 2014. Isso se deve ao total que compõe as disponibilidades, com valores elevados de cheques ainda a descontar, caixa e bancos, todavia estas contas caíram 30,63% durante os anos pesquisados.

A liquidez geral não teve grandes oscilações durante este período de cinco anos. Seu pior resultado ocorreu em 2013, com R\$ 1,92, recuperando-se nos anos subsequentes e finalizando 2017 com R\$ 2,39. Isso porque a empresa conseguiu diminuir seu Passivo Não Circulante com o pagamento de juros de capital próprio aos sócios.

Analisando o setor, observa-se que as médias aritméticas foram boas. Entretanto, os resultados se devem ao fato de a empresa Agrícolas Ltda. possuir um Ativo Circulante com valores significativos, elevando as médias. Esta empresa obteve seus melhores resultados em 2014, e piores em 2017, demonstrando que durante a crise houve perda neste grupo de indicadores; porém, não é possível verificar se isto ocorreu devido à crise ou por políticas internas adotadas pela empresa e problemas de administração – estas contrariedades podem ser verificadas na liquidação imediata. A empresa Combustíveis Ltda., exceto na liquidação geral, apresentou seus melhores resultados em 2013, e piores em 2017 para a liquidez seca e imediata, possuindo volatilidade durante os anos estudados e, mesmo que esses sejam pequenos, não há como distinguir o impacto da crise financeira. Acompanhando a média e a mediana, ambas comportaram-se de forma semelhante; já os resultados que mais ocorreram, as modas, são um pouco menores, justamente pela diferença dos resultados das empresas.

Os valores calculados das empresas prestadoras de serviços na área da saúde estão representados na Tabela 2:

Tabela 2 – Resultado liquidez das empresas de Prestação de Serviços

	Corrente		Seca		Geral		Imediata	
	Diálise e Nefro	Coração						
·	2,87	5,74	2,87	5,74	0,79	4,04	2,67	4,90
· Setorial	4,31		4,31		2,41		3,79	
Mediana	4,92		4,92		1,98		4,11	
Moda	6,13		6,13		1,11		4,75	
S ²	6,33%	1,13%	6,33%	1,13%	0,43%	0,91%	5,65%	1,39%
σ	0,25	0,11	0,25	0,11	0,07	0,1	0,24	0,12
CV	8,75%	1,85%	8,75%	1,85%	8,31%	2,36%	8,90%	2,40%

Fonte: Dados da Pesquisa

Examinando de uma forma global, observa-se que os resultados da liquidez corrente e liquidez seca possuem os mesmos valores, pelo fato de as empresas não terem estoques de mercadorias ou produtos, e sim por serem prestadoras de serviços. Percebe-se também que a liquidez geral possui as menores estatísticas para ambas as empresas, pelo fato da utilização de capitais de terceiros de longo prazo.

A empresa Serviço de Diálise e Nefrologia Ltda., de acordo com o Apêndice B, teve seu melhor ano de liquidez corrente e liquidez seca em 2014, com coeficientes de R\$ 5,62, e seu pior ano foi 2016, com R\$ 0,16, fechando 2017 com R\$ 0,28, seu segundo pior resultado. Os resultados baixos se devem à redução do Ativo Circulante, principalmente pelo reconhecimento de perda dos valores de cheques a receber. Por isso, a variação totalizou 8,75%, dispersando-se dos resultados da média de R\$ 2,87. Dessa forma, a liquidação imediata obteve o mesmo comportamento devido à diminuição das disponibilidades da empresa, como mencionado acima.

A liquidez geral apresentou média de R\$ 0,79. Isso ocorre pelo aumento no Passivo Não Circulante com parcelamento de impostos e empréstimos junto a terceiros, representando no último ano de estudo 56,58% do Passivo Total, além da queda do Ativo Circulante, como já apontado.

Já a empresa Coração Ltda. obteve médias maiores que a primeira empresa deste ramo. A liquidez corrente e seca ficaram com médias de R\$ 5,74. Os resultados se devem ao fato de o Ativo Circulante não demonstrar apenas valores que havia a certeza de se transformarem em dinheiro. Dentro dos clientes, constam contas em aberto desde 2012, e que não ocorreram reconhecimentos de perdas. Por este motivo, os indicadores não representam resultados efetivos, todavia, o Ativo Circulante decaiu pela diminuição de seus clientes a receber. Foram encerradas suas quatro filiais de 2016 até 2017, não realizando mais procedimentos cirúrgicos e apenas efetuando exames, decrescendo sua receita junto aos planos e operadoras de saúde e, conseqüentemente, seus valores a receber.

A liquidez imediata teve média alta de R\$ 4,90, sendo 2016 com menor valor de R\$ 3,76, quando houve redução nas disponibilidades, devido a resgates de parte das aplicações financeiras em 2016 e 2017 para pagamento de um depósito judicial resultante de problemas tributários junto a Receita Federal do Brasil.

A liquidez geral desta empresa possui média de R\$ 4,04. Analisando os grupos do Balanço Patrimonial que este indicador utiliza, observa-se que parte dos divisores, o Passivo Não Circulante, de 2013 até 2017, teve um aumento de 329,37%, e parte dos dividendos, o Ativo Não Circulante, neste período, elevou-se 1.878,82%. Ambos os grupos alavancaram-se devido a problemas com tributos municipais, federais e litígios trabalhistas e por isto, os sócios tiveram que realizar empréstimos, que estão no Passivo Não Circulante, para cobrir obrigações, processos, depósitos e bloqueios judiciais, que ainda estão aguardando a sua finalização e estão no Ativo Não Circulante.

As médias setoriais foram altas, mesmo na liquidez geral, que para a primeira empresa o resultado médio foi menor, e para a segunda, trouxe impulso aos números. Assim ocorreu também com a mediana e a moda, que apresentaram valores elevados, principalmente na moda da liquidez corrente e seca, que foi R\$ 6,13, identificando os valores que mais se repetiram durante o estudo.

Embora os resultados em um primeiro momento pareçam ser bons, há diversos problemas ocultos, como depósitos judiciais, clientes a receber e disponibilidades com valores representativos e que acabam não trazendo rotatividade para o Ativo. Sem previsão para receber estes valores, as empresas podem estar com dificuldades de cumprir suas obrigações, porém as demonstrações contábeis não evidenciam esta realidade. Por exemplo, a empresa Coração Ltda., para os indicadores de liquidez, exceto a imediata, os melhores resultados foram apresentados no ano de 2017; todavia isto não é positivo e não retrata a realidade. Analisando o histórico da empresa, ela fechou suas filiais, diminuiu faturamento, custos e, conseqüentemente, ocorreu a redução dos seus lucros, trazendo redução do Passivo Circulante e, elevando os indicadores de liquidez.

Na Tabela 3 estão os valores estatísticos com base nos coeficientes encontrados das empresas que trabalham no ramo da indústria:

Tabela 3 – Resultados liquidez das empresas da indústria

(continua)

	Corrente		Seca		Geral		Imediata	
	Pinturas	Ind. Auto.						
\bar{X}	2,82	2,49	2,74	1,73	4,07	2,41	0,71	0,56
\bar{X} Setorial	2,66		2,23		3,24		0,63	

(conclusão)

Mediana	2,59		2,40		3,57		0,57	
Moda	2,47		2,74		4,23		0,43	
S ²	0,13%	0,59%	0,11%	0,32%	0,28%	0,66%	0,06%	0,13%
σ	0,04	0,08	0,03	0,06	0,05	0,08	0,02	0,04
CV	1,28%	3,09%	1,21%	3,29%	1,29%	3,37%	3,49%	6,57%

Fonte: Dados da Pesquisa

Verificando de uma forma geral, observa-se que ambas as empresas possuem desvios-padrão baixos em todos os seus resultados e, mesmo que a liquidez imediata apresente uma curva um pouco maior que a média aritmética, ainda são resultados bons, por serem baixos.

A empresa Pinturas Ltda. teve médias aceitáveis para a liquidez corrente, liquidez seca e liquidez geral, porém o que eleva os resultados neste último índice é um depósito judicial para a Prefeitura de Caxias do Sul, para revisão do ISS referente ao seu beneficiamento. Isso traz uma realidade equivocada da empresa, já que este valor não é utilizado e não há previsão para girar em seu caixa. Caso este ativo não estivesse presente no Balanço Patrimonial, a média aritmética da liquidez geral seria de R\$ 2,79. A liquidez imediata tem resultados baixos, mas não representa riscos para empresa.

A Indústria Automotiva Ltda., nos resultados dos seus indicadores, apresentou seus menores resultados em 2014, e maiores em 2015. Do primeiro para o segundo ano citado, houve uma redução de 75,76% no Passivo Circulante, enquanto o Ativo Circulante diminuiu 45%, o que auxiliou nos resultados de liquidez. Para a liquidez imediata, de 2014 para 2015, a empresa aumentou em 14,06% suas disponibilidades, todas com vínculos bancários, pelo fato de não ter como prática a utilização de caixa, por isso que, para este indicador, a empresa apresenta resultados baixos. Atrelados aos outros resultados, demonstra que não há problemas de recursos para efetuar seus pagamentos.

A média setorial mais alta ficou com a liquidez geral R\$ 3,24, de modo igual com a mediana e a moda, devido ao valor alto de Ativo Não Circulante da empresa Pinturas Ltda. e, por praticamente todo período de estudo, as empresas tiveram valores baixos no Passivo Não Circulante. A liquidez imediata apresentou média setorial de R\$ 0,63, mediana de R\$ 0,57 e moda de R\$ 0,43; contudo ambas as empresas optaram por não aplicarem valores significantes nas disponibilidades.

Sendo assim, as duas empresas possuíam resultados satisfatórios e, observando os indicadores de liquidez isoladamente, não há possibilidade de avaliar se a crise impactou neste ramo de atividade.

4.2.2 Indicadores de Endividamento

Para estes indicadores, a literatura sugere que, quanto menor o resultado, melhor, indicando que, assim, a empresa não necessita de recursos de terceiros ou dos sócios para se financiar. A Tabela 4 demonstra os valores referentes aos indicadores de endividamento das empresas do comércio varejista:

Tabela 4 – Resultados endividamento das Empresas da Comércio Varejista

	Indicador de Endividamento		Composição do Endividamento		Capital Terceiros	
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.
\bar{X}	17,28%	39,91%	90,20%	48,39%	21,14%	67,69%
\bar{X} Setorial	28,59%		69,29%		44,41%	
Mediana	26,67%		59,76%		37,42%	
Moda	32,44%		88,37%		58,39%	
S ²	0,18%	0,34%	2,83%	1,37%	0,34%	2,73%
σ	0,04	0,06	0,17	0,12	0,06	0,17
CV	24,56%	14,64%	18,67%	24,17%	27,76%	24,43%
	Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido		Índice de Imobilização dos RNC			
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.		
\bar{X}	0,00%	13,48%	0,00%	13,16%		
\bar{X} Setorial	6,74%		6,58%			
Mediana	4,36%		3,27%			
Moda	11,48%		13,20%			
S ²	0,00%	0,12%	0,00%	0,52%		
σ	0,00	0,03	0,00	0,07		
CV	0,00%	25,76%	0,00%	54,54%		

Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto aos indicadores de endividamento, é possível observar que a empresa Agrícola Ltda. possuía valores iguais a zero nos índices de imobilização do Patrimônio Líquido e imobilização dos recursos não correntes. Isto se deve ao fato de ela não possuir Ativo Imobilizado durante o período examinado, ou seja, não tinha bens escriturados na contabilidade, e os que utilizava eram cedidos ou

alugados, como computadores. Desta forma, por apresentar resultados nulos, os coeficientes não serão analisados neste estudo.

Esta empresa mantinha seu endividamento concentrado no curto prazo, com valor expressivo na composição do endividamento; todavia, nos anos de 2013 e 2014, a empresa não possuía Passivo Não Circulante, o que reduz estes coeficientes. Já em 2016, que foi o ano com o indicador menor de 60,94%, de acordo com o Apêndice A, ocorre um aumento do Passivo Não Circulante. A Agrícolas Ltda. apresentou-se de forma conservadora, com o índice de capital de terceiros com média de 21,14%, porque em 2014, por exemplo, o Patrimônio Líquido representava 90,11% do Passivo Total e, em 2017 refletia 79,74% no Passivo Total. O indicador de endividamento, dentre os índices estudados neste capítulo para esta empresa, ficou com a menor média, de 17,28%, pelos mesmos motivos que o endividamento por capitais de terceiros.

Já a empresa Combustíveis Ltda. possuía o indicador de endividamento mais alto, a composição do endividamento melhor distribuída e utilizava-se mais de capitais de terceiros do que a primeira empresa citada. Sendo que, do primeiro para o último ano, o Passivo Circulante aumentou em 69,70%, o Passivo Não Circulante reduziu em 48,57%, e o Patrimônio Líquido aumentou em 45,94%. Foram pagos juros de capital próprio ao longo do estudo, reduzindo os valores aplicados pelos membros da sociedade em 58,84%, mas foi adquirido um empréstimo junto a terceiros de longo prazo e outro de curto em 2016, ambos de pessoas jurídicas não caracterizadas como instituições financeiras, para aquisição de ativo imobilizado. O empréstimo de curto prazo foi quitado parcialmente em 2017, todavia o que está em longo prazo não há previsão de pagamento e, por isso, mantém-se neste grupo contábil. Financiamentos e obrigações com terceiros de longo prazo podem ser benéficos, não colocando em risco o capital dos sócios, ou seja, um índice alto não significa problemas financeiros necessariamente.

Quanto aos índices de imobilização do Patrimônio Líquido e dos recursos não correntes, ambos apresentaram seus piores resultados em 2016, quando o Ativo Imobilizado aumentou, com capitais de terceiros. Quanto aos recursos não correntes, também houve um valor aplicado em investimentos em 2016 de R\$ 127.000,00, equivalendo a 100%. De 2014 para 2016, o Patrimônio Líquido elevou-se em 8,78%, deixando os coeficientes com valores satisfatórios.

Nos indicadores, especialmente quanto aos setores, há muita alternância e isso ocorre não por problemas externos, e sim por opção de investimentos das duas empresas. As empresas são conservadoras, não analisando a qualidade do endividamento, mas apenas buscando não ter quantidade significativa de dívidas. As médias, medianas e a moda são altas, o que reflete muito mais a má distribuição de seus recursos – questão da gestão das próprias instituições – do que problemas financeiros ou de necessidade de capital de terceiros.

Quanto às empresas prestadoras de serviços, os resultados estatísticos dos indicadores de endividamento estão dispostos na Tabela 5:

Tabela 5 – Resultados endividamento das Empresas de Prestação de Serviços

	Indicador de Endividamento		Composição do Endividamento		Capital Terceiros	
	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração
\bar{X}	56,24%	11,63%	38,14%	33,61%	197,68%	25,17%
\bar{X} Setorial	33,94%		35,88%		111,43%	
Mediana	42,98%		28,80%		101,54%	
Moda	15,84%		50,26%		131,20%	
S ²	2,86%	0,42%	2,03%	9,34%	49,79%	1,30%
σ	0,17	0,07	0,14	0,31	0,71	0,11
CV	30,07%	55,98%	37,31%	90,92%	35,69%	45,35%
	Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido			Índice de Imobilização dos RNC		
	Diálise e Nefro.	Coração.	Diálise e Nefro.	Coração		
\bar{X}	88,43%	30,38%	70,39%	45,58%		
\bar{X} Setorial	59,41%		57,98%			
Mediana	42,56%		48,71%			
Moda	93,10%		76,54%			
S ²	24,08%	2,12%	42,76%	2,37%		
σ	0,49	0,15	0,65	0,15		
CV	55,49%	47,96%	92,90%	33,79%		

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisa-se que a empresa Serviços de Diálise e Nefrologia Ltda. possui resultados bem mais expressivos que a empresa Coração Ltda., elevando as médias setoriais. O índice de capital de terceiros para a primeira empresa evidenciou uma média de 197,68%, com variação de 45,69%, demonstrando mutabilidade, apesar de não ser o resultado mais instável. Isto se deve ao fato de, de 2015 para 2016, a

empresa ter aumentado em 60,46% seu Passivo Circulante, porque houve a reversão de um parcelamento de INSS⁹ que não foi consolidado. Especialmente por este fato, e por falta de pagamento de tributos, 2016 foi o ano em que todos os indicadores de endividamento possuíram valores mais expressivos.

Já no indicador de endividamento, também em 2016, além dos problemas de pagamento de suas exigibilidades, houve a realização da perda dos valores em cheques a receber, deixando este indicador com resultado de 74,63%, de acordo com o Apêndice B. Outros coeficientes que destacam-se pelo valor alto são os de imobilização do Patrimônio Líquido e de imobilização dos recursos não correntes, com médias de 88,43% e 70,39%, sendo que seu coeficiente de variação atingiu 92,90%. O imobilizado e investimentos de 2013 até 2017 aumentaram, por ter ocorrido a compra de equipamentos e de uma sala comercial.

A empresa Coração Ltda. apresenta resultados mais conservadores e, no primeiro ano de estudo, a composição do endividamento possuía coeficiente de 65,06%, e no último ano fechou com 8,54%, de acordo com o Apêndice B. Neste período, seu Passivo Circulante reduziu em 78,47%, e o Passivo Não Circulante aumentou em 329,37%, porque após o encerramento das filiais, os custos com fornecedores, folha de pagamento e impostos foram diminuídos e os sócios aplicaram mais capital na empresa para cobrir despesas ocorridas com litígios. Para os índices de endividamento e de capital de terceiros, houve resultados baixos e concentrados no curto prazo. Além dos valores aplicados pelos sócios, para finalidade específica, a empresa consegue se financiar com sua própria atividade.

Os coeficientes de variação dos índices de imobilização do Patrimônio Líquido e dos recursos não correntes também foram elevados. O ativo imobilizado, de 2013 para 2017, reduziu em 52,60%, devido à venda de máquinas e equipamentos pelo encerramento das atividades em suas filiais, enquanto os investimentos reduziram pela finalização de uma obra de uma sala comercial em 2014. Apesar disto, os maiores resultados foram em 2017, demonstrando que os recursos aplicados nestes grupos de ativos reduziram, diminuindo também o valor necessário de investimento dos sócios.

⁹ Instituto Nacional do Seguro Social

Observando o setor, as médias, medianas e moda são elevadas, principalmente no capital de terceiros, em que atingiram 111,43%, 101,54% e 131,20%, respectivamente. Isso se deve ao fato de que, no coeficiente mencionado, a empresa Serviços de Diálise e Nefrologia Ltda. amplificou os valores médios setoriais. Esta elevação diz respeito a problemas internos e administrativos, e não apenas ligados ao cenário externo.

Na Tabela 6 constam os resultados para empresas atuantes na indústria:

Tabela 6 – Resultados endividamento das Empresas da Indústria

	Indicador de Endividamento		Composição do Endividamento		Capital Terceiros	
	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.
\bar{X}	21,26%	39,36%	98,78%	96,45%	27,22%	71,21%
\bar{X} Setorial	30,31%		97,62%		49,22%	
Mediana	24,79%		99,73%		33,07%	
Moda	41,34%		93,40%		81,51%	
S^2	0,14%	1,66%	0,05%	0,53%	0,38%	14,02%
Σ	0,04	0,13	0,02	0,07	0,06	0,37
CV	17,41%	32,77%	2,17%	7,54%	22,64%	52,58%
	Índice de Imobilização do Patrimônio Líquido			Índice de Imobilização dos RNC		
	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.		
\bar{X}	18,42%	20,90%	18,34%	20,32%		
\bar{X} Setorial	19,66%		19,33%			
Mediana	20,48%		19,38%			
Moda	18,04%		19,23%			
S^2	0,85%	1,16%	0,82%	1,18%		
σ	0,09	0,11	0,09	0,11		
CV	49,94%	51,42%	49,48%	53,39%		

Fonte: Dados da Pesquisa

Observa-se que as médias obtidas por este setor são menores do que as das empresas de serviços, ocorrendo a maior média, mediana e moda setoriais na composição de endividamento, visto que os resultados dos indicadores foram altos para ambas as empresas.

A empresa Pinturas Ltda. possui resultados conservadores, refletindo a maneira que ela é administrada. Nos anos em que foi atingido 100% na composição do endividamento, de acordo com o Apêndice C, a empresa não possuía Passivo

Não Circulante, ficando o circulante responsável por toda captação de recursos. Os indicadores de endividamento e capital de terceiros tiveram, no ano de 2017, os valores mais altos, quando o indicador de endividamento elevou-se em decorrência que, de 2013 até 2014, o ativo total reduziu principalmente o não circulante, sendo pertinente este fato pela ocorrência da depreciação acumulada; já o coeficiente de capital de terceiros alterou do primeiro para o último ano de estudo, porque neste período citado o Patrimônio Líquido reduziu, devido à distribuição dos lucros acumulados, quando o Passivo Não Circulante teve um aumento menor proporcionalmente, elevando o resultado localizado.

Quanto aos indicadores de imobilização, observa-se que a empresa não costumava aplicar recursos de valores elevados no imobilizado e nos investimentos, priorizando o giro. Ocorreu redução durante o estudo por não empregarem neste ativo, além do reconhecimento das despesas de depreciação.

A empresa Indústria Automotiva Ltda. tem indicadores mais elevados e também sua maior média na composição do endividamento, sendo de 96,45%. Em 2013 e 2014, atingiu também 100%, porque não possuía Passivo Não Circulante, concentrando-se no giro, no curto prazo. Seu menor resultado foi em 2016, quando havia um empréstimo dos sócios, o qual foi pago a maior parte em 2017. Os indicadores de endividamento, apesar de serem maiores, não apresentam riscos para a empresa. Os indicadores de capitais de terceiros são altos em decorrência que, do ano de 2013 para 2014, o Passivo Circulante aumentou, devido ao valor de seus fornecedores, que fechou 2014 com um valor elevado para pagamento.

Já os indicadores de imobilização são valores controlados, não demonstrando expressividade de investimentos. Apesar do crescimento do Ativo Imobilizado, houve também aumento no Patrimônio Líquido. Conseqüentemente, há equilíbrio de aplicação dos recursos dos sócios nos investimentos, imobilizado e intangível.

O setor apresenta médias, medianas e modas, apesar de não serem maiores que as das empresas de serviços, são valores significantes. Pode-se observar que, por falta de dados em alguns grupos patrimoniais, como os fatos de não possuírem investimentos ou na maior parte do período estudado não terem Passivo Não Circulante, os resultados encontrados acabam por se elevarem. A

primeira empresa é mais conservadora que a segunda, mas ambas não apresentam riscos de continuidade.

4.2.3 Indicadores de Rentabilidade

Estes indicadores representam o retorno esperado pelos sócios das empresas, em conjunto com suas atividades operacionais e financeiras. Na Tabela 7 estão expressos os resultados estatísticos encontrados na pesquisa:

Tabela 7 – Resultados Rentabilidade das Empresas do Comércio Varejista

	Giro do Ativo		Margem Operacional		Rentabilidade do Giro do Ativo	
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.
\bar{X}	1,44	6,97	29,81%	8,01%	43,11%	52,96%
\bar{X} Setorial	4,21		18,91%		48,03%	
Mediana	3,96		24,59%		41,63%	
Moda	4,69		7,56%		60,85%	
S^2	0,03%	0,34%	0,10%	0,87%	0,56%	0,56%
σ	0,02	0,06	0,03	0,09	0,38	0,07
CV	1,11%	0,84%	10,65%	116,18%	17,33%	115,76%
	Rentabilidade do PL		Grau de Alavancagem Financeira		Grau de Alavancagem Operacional	
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.
\bar{X}	36,03%	9,76%	1,21	1,68	1,42	-5,92
\bar{X} Setorial	22,89%		1,44		-2,25	
Mediana	29,95%		1,37		1,36	
Moda	8,78%		1,58		-9,47	
S^2	0,10%	1,39%	0,00%	0,02%	0,09%	173,47%
σ	0,03	0,12	0,01	0,01	0,03	1,32
CV	8,84%	120,98%	0,48%	0,88%	2,12%	-22,26%

Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados em sua maioria são satisfatórios, exceto para a empresa Combustíveis Ltda. que apresentou valores negativos para o grau de alavancagem operacional, por exemplo, e demonstrou que a empresa Agrícolas Ltda. conseguiu manter-se mais estável durante o estudo, expondo desvios padrões baixos.

A empresa Agrícolas Ltda. conseguiu manter a média do giro de seus ativos em torno de 1,44 em relação às suas vendas, não apresentando ociosidade nem problemas na geração de receitas. A margem líquida e as rentabilidades do Ativo e do Patrimônio Líquido possuem valores indicados e esperados, considerados bons. Contudo, ao longo do estudo, houve uma redução nos coeficientes, em decorrência do aumento dos custos e dos valores de investimento dos sócios. A rentabilidade do

ativo atrelada à margem líquida possibilita observar que a característica da rentabilidade da empresa é conservadora, tomando por base as receitas líquidas.

Por ter esta característica conservadora, também observada nos índices de endividamento, o grau de alavancagem expressou resultados baixos e próximos a 1,00, refletindo que a empresa não utilizava capitais de terceiros, visto que não operava com recursos onerosos, levando em consideração que a rentabilidade do Patrimônio Líquido retratou coeficientes altos. Já no grau de alavancagem operacional, houve crescimento durante o estudo, mas pelo impulso de suas receitas financeiras, por resgatar suas aplicações financeiras e gerar rendimentos sobre elas. Enquanto isso, o lucro operacional reduziu, demonstrando que o aumento do indicador não se deve às suas atividades operacionais e que utilizava de forma coerente seus custos fixos para geração de receitas.

Os resultados da empresa Combustíveis Ltda. evidenciaram coeficientes de variações altas. O giro do ativo obteve média alta e satisfatória, em decorrência de os seus ativos conseguirem gerar receitas, especialmente pela necessidade de rotatividade de seus estoques e dos clientes que são recebidos, na sua maior parte, por cartões de débito e crédito à vista, ou ainda, em moeda corrente. Portanto, a rentabilidade dos ativos e a margem operacional líquida também são valores considerados bons, pois a empresa consegue gerar retorno positivo na geração de receitas e lucros. Porém o grau de alavancagem operacional acabou com média negativa, isto porque a empresa obteve declínio nos lucros operacionais e líquidos durante o estudo, fechando 2017 com prejuízo. Isto ocorreu uma vez que, as receitas caíram consideravelmente.

A rentabilidade do Patrimônio Líquido é baixa, porque o investimento dos sócios trouxe retorno moderado. Isto ocorre porque quem financia a empresa são normalmente a sua atividade operacional e os capitais de terceiros. Relacionando o ROE com o grau de alavancagem financeira, observa-se que houve retorno nos capitais investidos, relatando controle e benefícios na forma como a empresa estava sendo custeada, além da redução das despesas financeiras durante o estudo.

Analisando o setor pode-se observar que a empresa Combustíveis Ltda. apresentou variação e médias superiores, por deixar de ter lucratividade no último ano de estudo. As médias e moda setorial para o grau de alavancagem operacional, devido ao prejuízo da segunda empresa, acabaram ficando negativos, com -2,25 e -

9,47, e a moda também ficou baixa, com 1,36%. Porém as margens operacionais líquidas e as rentabilidades do Patrimônio Líquido para a empresa Agrícolas Ltda. são melhores, enquanto que, no restante, somente a empresa Combustíveis Ltda. é quem consegue impulsionar os coeficientes.

No Tabela 8 estão demonstrados os valores estatísticos encontrados das empresas prestadoras de serviços:

Tabela 8 – Resultados rentabilidade das Empresas de Prestação de Serviços

	Giro do Ativo		Margem Operacional		Rentabilidade do Giro do Ativo	
	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração
\bar{X}	1,74	0,53	34,50%	1,28%	62,04%	0,98%
\bar{X} Setorial	1,14		17,89%		31,51%	
Mediana	1,10		12,21%		15,28%	
Moda	1,22		29,25%		63,96%	
S ²	0,04%	0,05%	1,90%	0,18%	0,09%	0,08%
σ	0,02	0,02	0,14	0,04	0,03	0,03
CV	1,20%	4,36%	39,99%	334,28%	4,86%	281,52%
	Rentabilidade do PL		Grau de Alavancagem Financeira		Grau de Alavancagem Operacional	
	Diálise e Nefro.	Coração.	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração
\bar{X}	109,64%	-1,07%	3,36	1,18	1,36	-6,55
\bar{X} Setorial	29,25%		2,27		-2,59	
Mediana	37,95%		1,95		1,24	
Moda	86,95%		2,91		-10,25	
S ²	7,78%	0,56%	0,40%	0,01%	0,02%	363,00%
σ	0,03	0,07	0,06	0,01	0,01	1,91
CV	25,44%	-699,23%	1,88%	0,63%	1,08%	-29,08%

Fonte: Dados da Pesquisa

Observa-se que estas empresas estudadas apresentam variação e desvio padrão altos, demonstrando que ocorreram grandes modificações em seus indicadores de rentabilidade.

A empresa Serviços de Diálise e Nefrologia Ltda. apresentou resultados menos modificativos que a empresa Coração Ltda., com média de 1,74 na sua renovação dos ativos, demonstrando baixa ociosidade de seus ativos. A margem operacional líquida, a rentabilidade do giro e rentabilidade do Patrimônio Líquido tiveram médias altas e adequadas, em razão de que a receita líquida de prestação de serviços manteve-se em elevação durante o estudo; enquanto isso, as despesas administrativas, de vendas e financeiras alternaram para baixo; todavia as receitas

financeiras e Patrimônio Líquido também foram reduzidos, o que ocasionou perda na rentabilidade e na lucratividade, mas não significou risco para a empresa.

Os graus de alavancagem apresentaram as menores variações desta empresa nos resultados deste grupo de indicadores, com 1,88% para o financeiro e 1,08% para o operacional. Contrapondo a redução do lucro líquido e o aumento do Patrimônio Líquido durante a pesquisa, analisa-se que foi diminuído o ROE em 4,09%, enquanto o ROA diminuiu em 61,36%, quando os Ativos Totais aumentaram em 51,42%, elevando a alavancagem financeira da empresa. Porém, em todos os anos estudados, a empresa mostrou-se alavancada, com valores superiores a 1. Apesar da redução destes indicadores e crescimento das receitas de prestação de serviços e redução das financeiras, manteve o controle sobre custos e despesas fixas. Mesmo a alavancagem financeira sendo alta e a operacional acima do esperado, verificando estes índices em conjunto, a empresa ficou em situação favorável.

A empresa Coração Ltda. possui média de 0,53 para o giro de seus ativos, ficando abaixo do esperado, que é no mínimo 1, apresentando ociosidade no uso dos recursos. De 2013 até 2017 ocorreu redução nas receitas de prestações de serviços, justificada em grande parte pelo fechamento de suas filiais, deixando 47% do ativo sem produtividade, grande parte em decorrência de depósitos judiciais que estão ainda ajuizados. A margem operacional líquida e a rentabilidade do giro também tiveram seus resultados prejudicados, pois além da queda de seu faturamento, ocorreram os declínios do lucro líquido e de seus ativos, perdendo movimentação e rentabilidade.

Quanto ao grau de alavancagem financeira, ocorreu pouca alteração. Além da queda do lucro líquido, houve a redução do Patrimônio Líquido por apresentar prejuízo e por seus ativos caírem menos que as outras contas citadas; assim, o ROE diminuiu mais que o ROA.

O grau de alavancagem operacional teve sua média negativa por apresentar queda no lucro durante os cinco anos, finalizando 2017 com prejuízo. Ocorreu queda nas receitas financeiras e operacionais maiores que a redução do lucro bruto e maiores que das despesas variáveis. Desta maneira, além dos problemas com redução das receitas, houve problemas com os controles de custos e despesas, que

não foram modificados totalmente com a perda de suas filiais, sendo absorvidos pela matriz.

Analisando o setor, a empresa Serviços de Diálise e Nefro Ltda. possui valores médios com menor variação. Já a empresa Coração Ltda. teve sua rentabilidade desigual, modificando-se constantemente; por isso a média, mediana e moda sofreram maior interferência nesta empresa, chegando a apresentar valores negativos no grau de alavancagem operacional. Isto ocorreu devido às mudanças e perdas pelas quais a empresa passou, alterando totalmente o lucro e a rentabilidade da empresa.

Quanto aos resultados das empresas industriais estudadas referente à rentabilidade, estão dispostos na Tabela 9:

Tabela 9 – Resultados rentabilidade das Empresas da Indústria

	Giro do Ativo		Margem Operacional		Rentabilidade do Giro Ativo	
	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.
\bar{X}	2,52	2,63	12,20%	4,80%	30,41%	12,61%
\bar{X} Setorial	2,57		8,50%		21,51%	
Mediana	2,43		21,51%		24,37%	
Moda	2,85		29,08%		15,80%	
S^2	0,01%	2,05%	0,50%	0,15%	2,93%	1,28%
σ	0,01	0,14	0,07	0,04	0,17	0,11
CV	0,32%	5,45%	57,98%	80,77%	56,30%	89,61%
	Rentabilidade do PL		Grau de Alavancagem Financeira		Grau de Alavancagem Operacional	
	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.
\bar{X}	37,96%	20,20%	1,27	1,71	7,88	1,86
\bar{X} Setorial	29,08%		1,49		4,87	
Mediana	37,91%		1,33		1,83	
Moda	11,42%		1,82		10,95	
S^2	4,45%	2,69%	0,00%	0,14%	177,13%	0,40%
σ	0,21	0,16	0,01	0,04	1,33	0,06
CV	55,55%	81,17%	0,48%	2,19%	16,88%	3,41%

Fonte: Dados da Pesquisa

As empresas ligadas à indústria apresentam médias mais harmônicas, pelo motivo que seus resultados individuais não destoam tanto de uma empresa para outra.

A empresa Pinturas Ltda. apresentou resultado adequado para o giro do ativo, visto que seu faturamento reduziu menos que seus ativos, tornando o giro do ativo maior. A margem operacional líquida e a rentabilidade do giro do ativo são boas, apesar de que, ao longo dos anos estudados, houve queda menor da receita

líquida do que do lucro líquido e dos ativos, e demonstrando que houve também um aumento significativo em seus custos e despesas, e redução no valor da quantidade dos investimentos que teoricamente ajudariam a compor o lucro. A queda do lucro afetou também a rentabilidade do Patrimônio Líquido, onde também houve redução do Patrimônio Líquido, devido à redução e distribuição dos lucros. Contudo, continuam sendo valores bons e representam retorno positivo para empresa.

O grau de alavancagem financeira apresentou-se controlado, quando o ROE e o ROA, no início do estudo, eram maiores do que no final, uma vez que a empresa alavancou-se. Também pode-se observar que, por ser superior a 1, o retorno foi maior que o investimento, apresentando-se como favorável. O bom domínio deste coeficiente ocorreu por ser uma empresa com endividamento conservador, que apresenta valores baixos.

Já o grau de alavancagem operacional teve resultados bons, porém decaíram durante o estudo, isto porque o lucro bruto diminuiu menos que o operacional proporcionalmente, em razão das despesas operacionais aumentarem significativamente, demonstrando perda de controle nos custos e despesas por parte da administração da empresa.

A empresa Indústria Automotiva Ltda. apresentou giro do ativo semelhante a Pinturas Ltda., evidenciando que não possui inatividade. Comparando o primeiro ano de estudo com o último, a receita líquida de vendas cresceu significativamente – mais que o dobro do aumento dos ativos, indicando que os ativos produziram receitas. A margem operacional líquida e a rentabilidade do ativo revelaram valores menores que os da Pinturas Ltda., mas ainda são resultados favoráveis e esperados. Nos anos de 2015 e 2016, o lucro elevou-se percentualmente mais que a receita líquida, justificado pelo fato que os custos e despesas variáveis tiveram aumento controlado e menor, assim aumentando os resultados dos indicadores. Desta forma, os ativos elevaram-se, especialmente pelas compras de ativos imobilizados, porém a empresa conseguiu gerar receitas e lucros.

Quanto ao grau de alavancagem financeira, a Indústria Automotiva Ltda. também demonstrou controle, apesar de menos conservadora que a primeira empresa, principalmente atrelado ao seu endividamento; portanto, não apresentou riscos para a empresa devido a sua alavancagem ocorrida pelos sócios e por sua atividade operacional. O grau de alavancagem operacional exibiu valores

moderados, mas são resultados bons. A receita líquida e o lucro, como mencionado acima, cresceram durante o estudo, especialmente no terceiro e no quarto ano, porém os custos e despesas conseguiram ser mantidos com ascensão menor, não de maneira proporcional, mesmo assim apresentam resultados positivos.

Analisando o setor, observa-se que ocorreram mudanças no lucro e receitas de vendas e prestação de serviços de ambas as empresas. A empresa Pinturas Ltda. teve uma queda significativa em seu lucro líquido durante os cinco anos estudados, enquanto a empresa Automotiva Ltda. teve um crescimento de 2013 até 2016, decaindo apenas em 2017. Os valores das médias, mediana e moda estão equilibrados e não são expressivos, próximos do que teoricamente são definidos como ideais, pois as duas empresas deste setor tiveram médias semelhantes, apenas divergindo no grau de alavancagem operacional.

4.2.4 Indicadores de Atividade

Os resultados dos prazos correspondentes aos coeficientes de atividade das empresas de comércio estão expostos na Tabela 10. Eles exibem a renovação das contas que constam no Balanço Patrimonial, tais como os ciclos operacionais, econômicos e financeiros.

Tabela 10 – Resultados atividade das Empresas do Comércio Varejista

(continua)

	PMRV		PMRE		PMPC			
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.		
\bar{X}	0	9	134	14	41	6		
\bar{X} Setorial	5		74		24			
Mediana	2		61		20			
Moda	10		101		31			
S ²	0,00%	16,79%	697,55%	3,32%	114,62%	5,65%		
σ	0,00	0,41	2,64	0,18	1,07	0,24		
CV	0,00%	4,55%	1,97%	1,31%	2,62%	3,83%		
	PA		CO		CE		CF	
	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.	Agrícola	Comb.
\bar{X}	3	4	134	23	134	14	93	17
\bar{X} Setorial	4		79		74		55	

(conclusão)								
Mediana	4		66		61		43	
Moda	3		104		101		79	
S ²	0,81%	2,14%	697,55%	6,01%	697,55%	3,32%	596,36%	12,03%
σ	0,09	0,15	2,64	0,25	2,64	0,18	2,44	0,35
CV	2,62%	3,57%	1,97%	1,07%	1,97%	1,31%	2,61%	2,07%

Fonte: Dados da Pesquisa

A empresa Agrícolas Ltda. possuía prazo médio de recebimentos igual a zero, pelo fato de que os recebimentos são através de espécie e no ato da compra. Seus estoques possuíam um prazo elevado de renovação com média de 134 dias, especialmente se comparado com os 41 dias que tinha para pagamento de seus fornecedores. Para o prazo médio de renovação de estoques, a variação foi de 1,97%, devido ao aumento de seus estoques e redução dos seus custos de mercadorias vendidas, o que demonstra aumento na ociosidade deste ativo. O estoque improdutivo interfere também no posicionamento de suas atividades, que não são favoráveis por seres superiores a 1, além da interferência de não haver PMRV.

Os prazos dos ciclos operacional e econômico são altos, porque da compra até o recebimento de suas vendas e da compra até a realização da venda há um intervalo de tempo elevado e, quanto maior seu resultado, mais a empresa necessita de investimentos para o seu giro. O ciclo financeiro aponta média de 93 dias, demonstrando que a empresa ficava longos períodos necessitando de investimentos próprios. Porém deve ser levado em consideração o fato das vendas serem à vista e prazo igual a zero, as compras apresentarem valores dentro de uma média esperada, porque são maiores que os prazos de vendas, mas a conta que alterou os ciclos, como mencionado, é a dos estoques, por sua ociosidade. Por ser uma empresa de comércio em que não há transformação em produtos de suas compras, por exemplo, estes prazos elevados ocasionam dependência financeira da empresa junto aos seus recursos próprios e provavelmente são provocados por má gestão operacional.

Já a empresa Combustíveis Ltda. portou média baixa para o recebimento de suas vendas, por também receber seus clientes em dinheiro, cheques ou cartões de débito e crédito. Em 2014, houve uma desaceleração em seus recebimentos, revelando que os clientes passaram a pagar mais em cartões de crédito. Quanto à

renovação de estoques e ciclo econômico, as médias são baixas, em decorrência de que a maior parte de seus estoques, como gasolina e etanol, são reabastecidos normalmente a cada 4 dias, ficando com média de 14 dias. O prazo para pagamento de suas compras foi em média de 6 dias, um índice baixo e é menor que o prazo para recebimentos.

O ciclo operacional ficou com média baixa, devido ao fato que o PMRE e PMRV são em média valores baixos. O ciclo financeiro possuía média de 17 dias, demonstrando que a empresa precisava financiar-se com capital financeiro durante este período. Seu melhor prazo foi 2014, com 13 dias, e o pior foi 2016, com 22 dias, quando o montante de seus fornecedores teve crescimento e suas compras não acompanharam esta expansão.

Analisando o setor, observa-se que apesar de ambas atuarem no comércio, os resultados são distintos, por serem produtos com circulações diferentes no mercado. Há maior restrição de vendas para a empresa Agrícolas Ltda., por ser um produto menos visado no mercado e com menor fluxo do que a empresa Combustíveis Ltda. Isto levou a primeira empresa a ficar com prazo maior de estocagem do que a segunda, por exemplo. Contudo, não é apenas a escolha do produto comercializado que interferiu nos prazos de estoque, dado que a Agrícolas Ltda. expressou problemas com a administração deste ativo. As médias, medianas e modas apresentam distorções pela grande diferença entre as duas empresas. Por este fato a média, que é intuitiva, e a soma dos elementos, dividida pela quantidade apresentada, tornam-se um valor não tangível e explícito, dispersando-se entre os resultados.

Na Tabela 11 estão evidenciados os resultados dos prazos para as empresas prestadoras de serviços:

Tabela 11 – Resultados atividade das Empresas de Prestação de Serviços

(continua)

	PMRV		PMRE		PMPC	
	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração	Diálise e Nefro.	Coração
\bar{X}	6	7	0	0	12	8
\bar{X} Setor	7		0		10	
Mediana	2		61		65	

(conclusão)

	PA		CO		CE		CF	
	Diálise e Nefro.	Coração						
Moda	17		-121		-98			
S ²	64,61%	26,62%	0,00%	0,00%	116,55%	22,41%		
σ	0,80	0,52	0,00	0,00	1,08	0,47		
CV	12,74%	7,06%	0,00%	0,00%	8,75%	5,71%		
\bar{X}	0	1	6	7	0	0	-6	-1
\bar{X} Setor	1		7		0		-3	
Mediana	1		66		61		2	
Moda	0		-111		-121		-14	
S ²	0,15%	1,40%	64,61%	26,62%	0,00%	0,00%	61,19%	66,36%
σ	0,04	0,12	0,80	0,52	0,00	0,00	0,78	0,81
CV	8,22%	8,61%	12,74%	7,06%	0,00%	0,00%	-12,98%	-87,24%

Fonte: Dados da Pesquisa

Das empresas mencionadas na Tabela 11, não foi possível realizar estudo dos prazos médios de renovação de estoques e de ciclo econômico, por não possuírem itens estocados.

A empresa Serviços de Diálise e Nefrologia Ltda. detinha uma média de 6 dias para o recebimento de suas prestações de serviços. A empresa fechou o estudo sem valores a receber de seus clientes; já no ano de 2015, eles representavam 11,44% do Ativo Circulante, justificando a variação. Estes prazos e resultados estatísticos ficaram iguais para o ciclo operacional, o que são favoráveis e aceitáveis pelo fato de que a maior parte de seus recebimentos são em dinheiro, como diferenças de exames. O prazo médio para pagamento de suas compras ficou em média de 12 dias, com maior prazo em 2015, de 20 dias, e menor em 2017, com 1 dia para quitar suas compras. Contrapondo estes dois anos, observa-se que as contas de fornecedores reduziram em 80,74%, e as compras de materiais diretos, insumos para sua atividade e despesas aumentaram em 15,98%.

O posicionamento de atividade ficou com média de 0,47, sendo que, de 2013 até 2015, o prazo foi de 1 dia, e entre 2016 e 2017, foi de zero, comprovando que a empresa possuía capital de giro. Para o ciclo financeiro, a média foi de -6 dias, em razão de que a empresa apresentou mais prazo para pagamento de suas compras do que recebimento de suas vendas, não havendo necessidade de financiar-se com terceiros.

A empresa Coração Ltda. expôs prazo médio de recebimento de vendas e o ciclo operacional de 7 dias, sendo que o recebimento dos valores devidos que geram prazos são normalmente de prestadoras de planos de saúde e dos municípios, já que as consultas e suas diferenças e também os procedimentos não possuem prazos para serem pagos. O prazo para pagamento de suas compras foi curto, de 8 dias, todavia foi maior que o de recebimentos de suas vendas. Durante o período estudado, houve redução de 90,26% em seus fornecedores, e de 51,57% de suas compras, porque foi reduzido o volume de materiais necessários para realização de seus serviços, elevando o valor deste indicador.

A posição relativa ficou com prazo de 1,37, um resultado não favorável por ser maior que 1, tornando os prazos de recebimento maiores que os de pagamentos, todavia não se torna um coeficiente que traz preocupação no atual momento. O ciclo financeiro obteve média de -1 dia, com o maior coeficiente de variação de -87,24%. Em 2013, sua média era de -10 dias, e em 2016, passou a ser de 8 dias, revelando que, ao longo do estudo, o prazo para recebimento de suas vendas cresceu mais que para o pagamento de suas compras, ficando necessário à empresa financiar-se operacionalmente.

Observando os resultados que foram possíveis calcular, é visível que as empresas deste setor possuem prazos curtos nestes coeficientes, o que tornam-se positivos para o recebimento de seus clientes, posicionamento da atividade e dos ciclos, porém o que deveria ser verificado são os prazos para o pagamento de suas obrigações.

Na Tabela 12, estão relacionados os valores estatísticos para os indicadores de atividades das empresas atuantes na indústria:

Tabela 12 – Resultados atividade das Empresas da Indústria (continua)

	PMRV		PMRE		PMPC	
	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.	Pinturas	Ind. Auto.
\bar{X}	34	50	3	43	10	61
\bar{X} Setorial	42		23		36	
Mediana	37		12		12	
Moda	51		47		82	
S ²	25,07%	494,66%	4,92%	1022,00%	5,08%	956,64%
σ	0,50	2,22	0,20	1,96	0,23	3,09

(conclusão)

CV	1,46%	4,49%	6,13%	6,24%	2,19%	5,07%		
	PA		CO		CE		CF	
	Pinturas	Ind. Auto.						
\bar{X}	4	2	37	93	3	43	27	32
\bar{X} Setorial	3		65		23		29	
Mediana	3		41		12		27	
Moda	2		113		47		34	
S ²	0,34%	0,55%	11,52%	2189,98%	4,02%	1022,00%	1,63%	642,45%
σ	0,06	0,08	0,34	3,73	0,20	1,96	0,13	1,44
CV	1,56%	3,88%	0,91%	4,65%	6,14%	6,24%	0,47%	6,39%

Fonte: Dados da Pesquisa

A empresa Pinturas Ltda. possuía média de prazo para recebimento de sua prestação de serviços de 34 dias, o que pode ser considerado alto, em razão de o prazo para pagamento de compras ser de apenas 10 dias. Seus estoques se renovavam em média a cada 3 dias, o que demonstra ótima rotatividade e baixa ociosidade destes ativos, trazendo os mesmos resultados para o ciclo econômico.

Os prazos do posicionamento de atividade são maiores do que 1, o que não é recomendado, já que demonstra que o prazo para recebimentos, somando seus estoques, são maiores que o de pagamento. O ciclo operacional ficou com média de 37 dias com coeficiente baixo de 0,91%, que demonstra estabilidade nos coeficientes calculados. A média para o ciclo financeiro foi de 27 dias, que neste caso é um valor expressivo. Isto se deve ao fato da diferença do desembolso para pagamento das compras até o recebimento do beneficiamento realizado, obrigando a empresa a financiar-se.

A empresa Indústria Automotiva Ltda. teve média alta para receber seus clientes. Em 2014, seu resultado era de 69 dias e, no ano seguinte, passou para 18 dias. Entre estes dois anos houve diminuição de seus clientes, devido à redução de um valor a receber de um cliente que representava 67,36% do total. A sua renovação de estoque e o ciclo econômico aconteceu em média em 43 dias. Durante o estudo ocorreu aumento de estoques, que significa estagnações de matérias-primas e produtos, não ocasionando geração de valores e lucros para empresa, influenciando, além dos resultados do ciclo operacional, diretamente nos

ciclos econômico e financeiro, que o segundo ficou com média de 32 dias, sendo este prazo para a empresa se financiar com sua atividade.

Para o pagamento de suas compras, a média da empresa foi de 61 dias, maior que o prazo para recebimento de vendas, sendo um resultado relativamente bom. O pior resultado deu-se em 2015, porque as contas de fornecedores reduziram em razão da Indústria Automotivas Ltda. possuir contrato com uma empresa que faz usinagem de algumas peças e neste ano as notas fiscais foram quitadas antes da finalização do ano.

O posicionamento da atividade durante o estudo possuiu média de 2 dias, um resultado ruim, comprovando falta de sua capacidade de capital de giro. O ciclo operacional teve média alta de 93 dias, demonstrando que, da entrada em seus estoques até o recebimentos de suas vendas, ela apresentou-se alavancada, gerando uma situação de risco.

Averiguando o setor, a empresa Pinturas Ltda. possui prazos menores que a Indústria Automotiva Ltda. A segunda empresa eleva as médias, medianas e modas setoriais, pelo fato de trabalhar normalmente com prazos superiores a 30 dias. Enquanto a primeira empresa apresentou trabalhar com prazos, na maioria das vezes, menores que um mês, a Pinturas Ltda. é uma empresa mais conservadora, evitando correr riscos de continuidade.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo avaliar como foram os desempenhos econômicos e financeiros de micro e pequenas empresas entre os anos de 2013 e 2017, período de recessão econômica. Seis empresas foram estudadas, duas de cada um dos seguintes setores: comércio varejista, prestação de serviços na área da saúde e indústria. Através de dados estatísticos dos indicadores tradicionais contábeis, foram calculados os coeficientes de variações de Pearson e analisados quais impactos influenciaram nos comportamentos financeiros das instituições.

De acordo com os resultados, observou-se que todas as empresas tiveram oscilações, porém em alguns momentos, como questões e impasses junto a órgãos como as Receitas Federal e Municipal, pode-se constatar que foram também problemas ou medidas internas que trouxeram estas flutuações.

Quanto às empresas comerciais, a Agrícola Ltda. demonstrou queda durante o estudo, especialmente nos indicadores de liquidez e atividades. Foram verificados problemas como falta de rotatividade dos estoques, alto endividamento concentrado no curto prazo, ciclo econômico, financeiro e operacional com prazos elevados e queda nas receitas de vendas; todavia, os recursos utilizados para manter suas atividades não são muito onerosos, pois não geram prejuízos monetários e, assim, conseguiu manter-se lucrativa, com um giro de ativo adequado, rentável e com capacidade de cumprir com suas obrigações, demonstrando interferência do mercado.

A Combustíveis Ltda. apresentou coeficientes de liquidez e atividades neutros durante os cinco anos examinados e alternância nos indicadores de endividamento e rentabilidade, porém foram resultados bons e não trazem riscos para a empresa. Desta forma, preservou valores elevados nas disponibilidades, alta rotatividade de seus estoques e ativos, utilização de forma moderada e pouco onerosa dos capitais de terceiros e conseguiu investir em seus ativos de longo prazo, contudo aumentou seus custos e despesas, evidenciando prejuízo em 2017. Apesar da não lucratividade, a crise não trouxe retração em suas receitas de vendas, não podendo ser apontada como causa da queda do lucro.

Das empresas voltadas à prestação de serviços, a Serviços de Diálise e Nefro Ltda. apresentou índices com variações altas, exceto nos coeficientes de

atividades, por ter prazos reduzidos e controlados, apontando resultado negativo no ciclo financeiro. Ocorreu redução do Ativo Circulante e aumento dos grupos de longo prazo do Balanço Patrimonial, piorando os indicadores no final do estudo para liquidez, endividamento e rentabilidade. Entretanto, o aumento de longo prazo se deve a parcelamentos de tributos e aplicações de recursos nos Investimentos e no Ativo Imobilizado. Mostrou-se alavancada, com baixa ociosidade dos ativos, receitas de prestação de serviços crescentes e controle dos custos e despesas, elucidando que fatores externos não manifestaram-se para esta empresa.

A empresa Coração Ltda. apresentou seus melhores resultados para liquidez e endividamento em 2017, quando ativos e passivos correntes foram diminuídos, pelo fato de ter fechado as suas filiais nos últimos dois anos analisados. A empresa estava em processo delicado, com diversos litígios e necessitando de recursos dos sócios, além de depósitos judiciais que impulsionavam o Ativo Não Circulante. Seu faturamento, rentabilidade, lucratividade e prazos foram reduzidos ao longo da pesquisa, o que é possível constatar que, além de problemas relacionados às falhas administrativas, a crise pode ter afetado esta empresa. Isto ocorre pois parte de sua receita de prestação de serviços é decorrente de planos de saúde, muitas vezes empresariais, que com o desemprego provavelmente reduziu o número de beneficiários e, conseqüentemente, a prestação de serviços.

A Pinturas Ltda. e a Indústria Automotiva Ltda. apresentaram as médias setoriais mais harmônicas deste estudo. Praticamente em todos os resultados, a primeira empresa citada acima apontou 2017 como seu pior ano, e a segunda, o ano de 2014. Ambas evidenciam coeficientes de liquidez equilibrados, apesar da empresa Indústria Automotiva Ltda. movimentar mais os índices e não aplicar valores expressivos no Ativo Não Circulante, enquanto a empresa Pinturas Ltda. tinha valores inativos neste grupo patrimonial. A Pinturas Ltda. demonstrou coeficientes de endividamento com resultados tradicionais e com riscos baixos, priorizando o giro do ativo. A Indústria Automotiva Ltda. tem endividamento um pouco maior, e também utiliza-se mais do curto prazo, evitando riscos, mas aplicou recursos no Ativo Imobilizado durante os cinco anos analisados.

Quanto à rentabilidade, a Pinturas Ltda. é mais lucrativa, rentável e alavancada operacionalmente, porém ambas as empresas apresentam giro do ativo e grau de alavancagem financeira com médias e variações que podem ser

consideradas adequadas. A Indústria Automotiva Ltda. obteve crescimento de suas receitas de 2013 até 2017, enquanto a Pinturas Ltda. decresceu. Os indicadores de atividades da Pinturas Ltda. são maiores que da Indústria Automotiva Ltda., porém com coeficientes de variações menores, exceto os indicadores que envolvem prazos dos estoques. As médias da Indústria Automotiva Ltda. são melhores, demonstrando maior equilíbrio entre eles, à exceção do ciclo operacional, pois ele é elevado, prejudicando a atividade da empresa.

Observando os setores, o industrial foi o que teve impactos menos significativos, tanto internos como externos. Houve queda principalmente para a Pinturas Ltda., mas os desvios padrões e coeficientes de variação de Pearson foram baixos.

As empresas voltadas para o comércio demonstraram desequilíbrio entre elas, por possuírem produtos diferentes de comercialização, em que a Agrícolas sofreu redução de suas receitas, mas conseguiu manter-se lucrativa. A Combustíveis Ltda. aumentou seu faturamento, mas não controlou seus custos e despesas, demonstrando problemas de gestão.

Quem apresentou maiores modificações foram as empresas voltadas às prestações de serviços da área da saúde, em que especialmente a Coração Ltda. obteve queda em sua rentabilidade e lucratividade. As duas empresas deste setor têm problemas com suas tributações ou litígios, o que acaba muitas vezes distorcendo os resultados de liquidez e endividamento.

As empresas estudadas possuem administrações conservadoras, em que são priorizadas transações que apresentem baixo risco. Provavelmente se fossem apresentados orçamentos gerenciais, os gestores conseguiriam evitar problemas e aumentarem seus investimentos e possibilidade de retornos positivos.

O objetivo da pesquisa não foi alcançado de forma ampla, dado que por diversas razões os fatores internos e decisões administrativas influenciaram mais do que a crise econômica ou mercado, constatando que empresas com portes menores, muitas vezes possuem carência de Contabilidade Gerencial. Não há possibilidade de diferenciar o recuo e instabilidade econômica com os impasses das instituições, até porque as empresas Combustíveis Ltda., Serviços de Diálise Nefrologia Ltda. e Indústria Automotiva Ltda. aumentaram seus faturamentos, ou seja, não houve abalo em suas atividades principais.

Todavia, a pesquisa relatou que equilibrar o controle interno das empresas com os fatores externos contribui para a sociedade de maneira geral.

O cenário econômico retraído manteve-se em 2018, então sugerem-se novos estudos com o mesmo objetivo desta pesquisa, com empresas de outras atividades e portes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Revson Vasconcelos. **Contabilidade Gerencial: Livro texto com exemplos, estudos de caso e atividades práticas**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2013.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologia de Pesquisa em Ciências: Análises Quantitativa e Qualitativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda., 2016.

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, p.51-60, abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100051&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 13 mar. 2018.

BAZZI, Samir. **Análise das Demonstrações Contábeis**. São Paulo: Pearson Education do Brasil Ltda., 2016.

BORTOLUZZI, Sandro César et al. Avaliação de Desempenho Econômico-Financeiro: uma proposta de Integração de Indicadores Contábeis Tradicionais por meio da Metodologia Multicritério de apoio à Decisão Construtivista. **Revista Alcance - Eletrônica**, Itajaí, v. 18, n. 2, p.200-218, abr. 2011. Disponível em: <<https://www6.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/1727>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BRASIL. Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. **Lcp**. Brasília, DF, 14 dez. 2006.

BRASIL. Lei nº 6404, de 15 de dezembro de 1976. **L**. Brasília, DF, 15 dez. 1976.

BRASIL. Lei nº 11941, de 27 de maio de 2009. **L**. Brasília, DF, 27 maio 2009.

BRUNI, Adriano Leal. **A Análise Contábil e Financeira**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2014.

CANNON, Barry; BROWN, John. Venezuela 2016: The Year of Living Dangerously. *Revista de Ciência Política (Santiago)*, v. 37, n. 2, p.613-634, 2017. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-090X2017000200613&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2018.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. **26**: Apresentação das Demonstrações Contábeis. Brasília: Anais, 2011. Disponível em: <http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/312_CPC_26_R1_rev%2012.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **NORMAS BRASILEIRAS DE CONTABILIDADE: NBCTG1000**. Brasília - DF, sessão. 3, 3.2, p.16, nov. 2016.

Disponível em: <[http://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTG1000\(R1\).pdf](http://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTG1000(R1).pdf)>. Acesso em: 19 maio 2018.

CORONADO, Osmar. **Contabilidade gerencial básica**. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

CREPALDI, Silvio Aparecido; CREPALDI, Guilherme Simões. **Contabilidade Gerencial - Teoria e Prática**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2017.

DAO, Minh Quang. Determinants of the global financial crisis recovery: an empirical assessment. **Journal Of Economic Studies**, v. 44, n. 1, p.36-46, 9 jan. 2017. Disponível em: <<https://www-emeraldinsight-com.ez314.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1108/JES-09-2015-0160>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

GRECO, Alvíso; AREND, Lauro. **Contabilidade – Teoria e Práticas Básicas**. 4. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

FERRONATO, Aírto João. **Gestão Contábil-Financeira de Micro e Pequenas Empresas: Sobrevivência e Sustentabilidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2015.

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de Estatística**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2012.

IMPERATORE, Simone Loureiro Brum. **Fundamentos da Contabilidade**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços**. 11. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2017.

KNECHTEL, Maria do Rosario. **Metodologia da Pesquisa em Educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2014.

LEITE, Edileia; DIEHL, Carlos; MANVALIER, Ramão. Accounting Management, Performance and Contingent Factors by Firms in Brazil. **Revista Universo Contábil**, p.85-107, 30 jun. 2015. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/universocontabil/issue/view/337/showToc>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

LINS, Luiz dos Santos; FRANCISCO FILHO, José. **Fundamentos e Análise das Demonstrações Contábeis: Uma abordagem interativa**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2017.

MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis: Contabilidade Empresarial**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2012.

MARTINS, Eliseu; DINIZ, Josediton Alves; MIRANDA, Gilberto José. **Análise Avançada das Demonstrações Contábeis: Uma Abordagem Crítica**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2017.

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto José; DINIZ, Josediton Alves. **Análise Didática das Demonstrações Contábeis**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2018.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2010.

MATIAS-PEREIRA, José. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2016.

MELO, Moisés; BARBOSA, Sergio. **Demonstrações Contábeis da Teoria à Prática**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2018.

OLIVEIRA, Francisco Estevam Martins de. **Estatística e Probabilidade com ênfase em exercícios resolvidos e propostos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ltc — Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda., 2017.

OREIRO, José Luis. A grande recessão brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, p.75-88, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142017000100051&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 mar. 2018.

PADOVEZE, Clóvis Luis. **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2010.

PADOVEZE, Clóvis Luis. **Controladoria Estratégica e Operacional**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2012.

PADOVEZE, Clóvis Luis; BENEDICTO, Gideon Carvalho. **Análise das Demonstrações Financeiras**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2013.

PADOVEZE, Clóvis Luis; MARTINS, Miltes Angelita M.. **Contabilidade e Gestão Micro e Pequenas Empresas**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2014.

PAULA, Luiz Fernando de; PIRES, Manoel. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, p.125-144, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100125>. Acesso em: 15 mar. 2018.

PEREZ JUNIOR, José Hernandez; BEGALLI, Glaucos Antonio. **Elaboração e Análise das Demonstrações Financeiras**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S/a, 2015.

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Intersaberes, 2016.

PIONEIRO: Serra gaúcha tem cerca de uma empresa para cada dez habitantes. Caxias do Sul, 29 out. 2013. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2013/10/serra-gaucha-tem-cerca-de-uma-empresa-para-cada-dez-habitantes-4315694.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

QUINTANA, Alexandre Costa. **Contabilidade Básica:** com Exercícios Práticos de Acordo com as Normas Brasileiras de Contabilidade do CFC. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2014.

SILVA, Alexandre Alcântara da. **Estrutura, Análise e Interpretação das Demonstrações Contábeis.** 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2017.

SORDI, José Osvaldo de. **Elaboração de Pesquisa Científica:** seleção, leitura e redação. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

VICECONTI, Paulo; NEVES, Silvério das. **Contabilidade Básica.** 18. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2017.

VOMMARO, Gabriel; GENÉ, Mariana. Argentina: El Año de Cambiemos. **Revista de Ciencia Política (Santiago)**, v. 37, n. 2, p.231-254, 2017. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-090X2017000200231&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2018.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Indicadores financeiros e econômicos das empresas do comércio .82	
APÊNDICE B – Indicadores financeiros e econômicos das empresas de prestação de serviços	83
APÊNDICE C – Indicadores financeiros e econômicos das empresas da indústria ..	84

APÊNDICE A – INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS DAS EMPRESAS DO COMÉRCIO

	2013		2014		2015		2016		2017	
	Agrícola	Comb.								
Liquidez Corrente	R\$5,55	R\$6,40	R\$10,01	R\$3,94	R\$5,51	R\$4,78	R\$8,74	R\$5,40	R\$4,91	R\$4,08
Liquidez Seca	R\$3,47	R\$4,40	R\$6,65	R\$2,94	R\$3,33	R\$3,34	R\$5,43	R\$4,07	R\$1,84	R\$2,87
Liquidez Geral	R\$5,61	R\$1,92	R\$10,11	R\$2,11	R\$5,04	R\$2,09	R\$5,37	R\$3,02	R\$4,94	R\$2,39
Liquidez Imediata	R\$2,44	R\$3,65	R\$4,88	R\$2,03	R\$2,24	R\$2,56	R\$3,66	R\$1,35	R\$0,29	R\$1,32
Índice Endividamento	17,82%	47,63%	9,89%	41,88%	19,83%	41,80%	18,62%	33,08%	20,26%	35,14%
Composição do Endividamento	100,00%	30,00%	100,00%	53,58%	90,63%	43,83%	60,94%	55,95%	99,44%	58,57%
Índice de Capital de Terceiros	21,68%	90,96%	10,98%	72,05%	24,73%	71,83%	22,88%	49,43%	25,41%	54,17%
Imobilização do PL	0,00%	15,65%	0,00%	8,73%	0,00%	11,09%	0,00%	17,18%	0,00%	14,73%
Imobilização dos RNC	0,00%	9,56%	0,00%	6,54%	0,00%	7,90%	0,00%	21,85%	0,00%	19,97%
Giro do Ativo	1,64	7,08	1,27	6,50	1,44	6,28	1,31	7,24	1,56	7,74
Margem Operacional Líquida	33,63%	10,30%	32,48%	22,65%	29,39%	6,26%	26,53%	2,59%	27,05%	-1,72%
Rentabilidade do Giro	55,15%	72,92%	41,25%	147,23%	42,32%	39,31%	34,75%	18,75%	42,20%	-13,31%
Rentabilidade do PL	40,92%	14,77%	36,05%	27,31%	36,66%	7,38%	32,60%	2,47%	33,92%	-3,12%
GAF	1,22	1,91	1,11	1,72	1,25	1,72	1,23	1,49	1,25	1,55
GAO	1,20	5,10	1,24	2,39	1,26	3,16	1,46	-17,14	1,92	-23,10
PMRV	0	4	0	10	0	6,00	0	14	0	12
PMRE	105	16	126	14	129	16	134	13	177	12
PMPC	41	4	30	10	53	7	31	4	50	6
PA	3	5	4	2	2	3	4	6	4	4
CO	105	20	126	23	129	22	134	26	177	24
CE	105	16	126	14	129	16	134	13	177	12
CF	64	15	96	13	76	15	103	22	127	18

Fonte: Dados da Pesquisa

APÊNDICE B – INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS DAS EMPRESAS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

	2013		2014		2015		2016		2017	
	Diálise e Nefro.	Coração								
Liquidez Corrente	R\$4,59	R\$6,32	R\$5,62	R\$6,24	R\$3,73	R\$4,13	R\$0,16	R\$5,24	R\$0,28	R\$6,78
Liquidez Seca	R\$4,59	R\$6,32	R\$5,62	R\$6,24	R\$3,73	R\$4,13	R\$0,16	R\$5,24	R\$0,28	R\$6,78
Liquidez Geral	R\$1,33	R\$4,48	R\$1,27	R\$4,58	R\$1,17	R\$3,53	R\$0,08	R\$2,63	R\$0,07	R\$4,98
Liquidez Imediata	R\$4,40	R\$6,12	R\$5,31	R\$6,14	R\$3,25	R\$3,82	R\$0,12	R\$3,76	R\$0,27	R\$4,68
Índice Endividamento	63,52%	9,88%	69,20%	10,43%	72,82%	17,45%	74,63%	22,44%	73,86%	15,38%
Composição do Endividamento	25,89%	65,06%	20,73%	66,48%	31,48%	56,12%	47,88%	10,54%	23,40%	8,54%
Índice de Capital de Terceiros	174,14%	10,97%	224,72%	11,64%	267,91%	16,61%	294,22%	28,94%	263,85%	18,18%
Imobilização do PL	40,16%	34,28%	35,79%	45,67%	50,90%	48,62%	53,35%	38,92%	44,96%	16,42%
Imobilização dos RNC	18,47%	58,30%	13,64%	55,53%	18,68%	59,34%	146,74%	41,89%	122,20%	23,56%
Giro do Ativo	1,88	0,72	1,97	0,71	1,57	0,65	1,48	0,42	1,80	0,18
Margem Operacional Líquida	52,28%	7,26%	43,90%	2,95%	27,60%	-1,69%	17,17%	-3,82%	31,55%	1,71%
Rentabilidade do Giro	98,29%	5,19%	86,40%	2,10%	43,21%	-1,10%	25,37%	-1,60%	56,84%	0,30%
Rentabilidade do PL	143,34%	8,21%	114,84%	3,29%	101,57%	-3,71%	67,69%	-1,51%	120,74%	-11,63%
GAF	2,74	1,11	2,62	1,12	3,68	1,21	3,94	1,29	3,83	1,18
GAO	1,21	8,76	1,33	-39,81	1,45	-2,30	1,57	0,04	1,26	0,54
PMRV	5	3	4	2	20	14	2	11	0	6
PMRE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PMPC	7	14	6	11	26	10	22	4	1	3
PA	1	0	1	0	1	1	0	3	0	2
CO	5	3	4	2	20	14	2	11	0	6
CE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
CF	-2	-10	-2	-9	-6	4	-20	8	-1	3

Fonte: Dados da Pesquisa

APÊNDICE C – INDICADORES FINANCEIROS E ECONÔMICOS DAS EMPRESAS DA INDÚSTRIA

	2013		2014		2015		2016		2017	
	Pinturas	Ind. Auto.								
Liquidez Corrente	R\$2,57	R\$2,61	R\$3,12	R\$1,64	R\$3,25	R\$3,72	R\$2,79	R\$2,18	R\$2,38	R\$2,31
Liquidez Seca	R\$2,48	R\$1,53	R\$2,98	R\$1,32	R\$3,12	R\$2,73	R\$2,79	R\$1,59	R\$2,32	R\$1,49
Liquidez Geral	R\$3,65	R\$2,61	R\$4,50	R\$1,64	R\$4,71	R\$3,70	R\$4,02	R\$1,82	R\$3,50	R\$2,30
Liquidez Imediata	R\$0,46	R\$0,61	R\$0,92	R\$0,24	R\$1,02	R\$1,15	R\$0,63	R\$0,27	R\$0,52	R\$0,51
Índice Endividamento	20,62%	36,81%	17,99%	54,79%	18,15%	22,64%	22,57%	49,46%	26,94%	33,11%
Composição do Endividamento	95,06%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	99,35%	100,00%	83,46%	98,85%	99,45%
Índice de Capital de Terceiros	25,97%	58,24%	21,94%	121,19%	22,18%	29,26%	29,14%	97,85%	36,88%	49,50%
Imobilização do PL	31,23%	5,53%	23,21%	22,20%	17,68%	21,12%	12,10%	19,83%	7,88%	35,84%
Imobilização dos RNC	30,83%	5,53%	23,21%	22,20%	17,68%	21,08%	12,10%	17,07%	7,85%	35,74%
Giro do Ativo	2,40	1,60	2,46	2,33	2,59	5,12	2,58	1,74	2,54	2,36
Margem Operacional Líquida	18,50%	3,16%	18,02%	1,69%	12,13%	5,73%	11,36%	11,17%	0,98%	2,26%
Rentabilidade do Giro	44,43%	5,06%	44,37%	3,95%	31,43%	29,32%	29,36%	19,42%	2,49%	5,32%
Rentabilidade do PL	55,97%	8,00%	54,10%	8,73%	38,39%	37,90%	37,92%	38,42%	3,41%	7,95%
GAF	1,26	1,58	1,22	2,21	1,22	1,29	1,29	1,98	1,37	1,50
GAO	1,58	1,57	1,59	2,71	2,07	1,38	2,50	1,28	31,68	2,34
PMRV	32	58	31	69	29	18	40	67	39	36
PMRE	4	59	5	30	4	18	0	65	3	45
PMPC	10	79	10	85	7	11	12	79	12	50
PA	4	1	4	1	5	3	3	2	3	2
CO	36	117	36	99	33	35	40	132	42	81
CE	4	59	5	30	4	18	0	65	3	45
CF	26	37	26	14	26	24	28	52	29	30

Fonte: Dados da Pesquisa